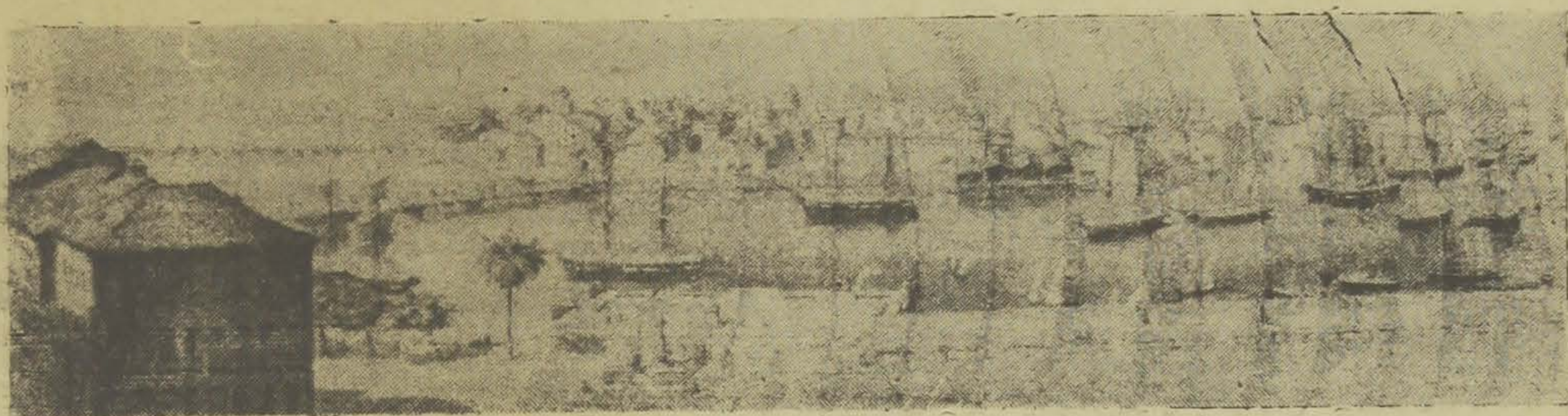


Correio das Artes

Ano 1 Número 8 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 15-5-1949



An Author of Short Stories

ALVARO DE CARVALHO

O LIVRO que Silvino Lopes publicou há algum tempo, é deveras interessante.

Conheci-o, como escritor, através de suas crônicas de jornal e, posto que o lêsse sempre, com simpatia, essas nunca me deram a medida do homem de letras que me revelaram os contos — "Sombras que tiveram nomes". Nem isto fôra possível.

Crônicas, em regra, são trabalhos de improvisação, escritas na pressa desconcertante exigida por esse insaciável Pantagruel, deglutidor de energias mentais, que é o jornal moderno. E Silvino Lopes parecia-me jornalista apenas por dever de ofício. Sobrava-lhe alguma coisa nessas palestras de todo o dia e faltava-lhe, contudo, a leveza inoctracterística do comentário impessoal, ao sabor das exigências do momento.

A ironia mordente, a malícia velada, dada a estreiteza da crônica, ficavam no ar. As sátiras, pela generalidade a que as levavam a suscetibilidade do meio como que perdiam a força candente necessária à correção dos costumes. Apenas a-vultava com o trave de re-

volta abafada, um pessimismo desalentador, voltado contra as circunstâncias materialíssimas da vida, em seus aspectos mais sombrios. Sentia-se, em tudo aquilo, falta de espaço, mingua de tempo, pressa em produzir — influências do chamado dever do ofício — que, na impossibilidade e diluirm-lhe a personalidade, como que lhe entravavam o melhor das energias mentais. Contudo notavam-se, no que escrevia, ironias cortantes, subentendido, desconcertadores, cousas ditas a meio e profundo conhecimento das realidades circunstan-

tes. Eram qualidades marcantes nesse homem de letras que o terra-a-terra da crônica, só em parte, poderia revelar.

O homem que conheci, certa noite, em casa do Cônego Mathias Freire, então, sede provisória da Academia Paraibana de Letras, deixou-me impressão bem diferente. Pálido, falando pouco; sério, tocando essa atitude quase à gravidade, oferecia notável contraste com Rocha Barrêto cuja loquacidade cheio de verve e bom humor nos movia ao riso a cada instante. Notei-lhe, porém, forte qualidades de observação e de

análise, ao recordar cousas, indivíduos e hábitos da Paraíba pacata de outrora.

E' fôrça confessar que, para mim, continuou uma incognita o cronista que eu lêra e comentára tantas vezes.

De outros encontros, que tivemos, apenas me achei diante de um homem que parecia observar-me.

Agora, porém, a leitura do "Sombras que tiveram nomes" foi, para o meu espírito, surpreendente revelação. Explicou-me a individualidade do cronista que não me fôra dado entender.

Inexplicavelmente, não me habituei à leitura de contos. E' esse o gênero de leitura de ficção que menos me agrada. Quando rapaz, li contos de Machado de Assis, de Artur Azevedo e de Guy de Maupassant. Só há mais ou menos dois anos, vim a ler "The favorite Short Stories", de W. Somerset Maugham, aparecido em 1921. Apesar de curtas, foram os mais longas que meus olhos, gostosamente, devoraram. O inglês é, na realidade, surpreendente. Suas histórias trazem-nos enleados do começo a fim, sem que possamos atinar com o desen-

(Conclui na página 10)

CANÇÃO

PERICLES LEAL

MARIA. Maria
Para onde tu foste?

Os caminhos. Maria,
Os caminhos do sonho
Por nós trilhados
Por nós amados
— Estão tão tristes,
Tristes e desertos
Que nem me conhecem
Que nem os conhece.

Maria. Maria,
Para onde tu foste?

As rosas. Maria.
As rosas silvestres
Estão tão secas,
Estão tão feias
Estão tão tristes
— Que não têm cheiro
Que nem me conhecem
Que nem as conhece.

Maria. Maria.
Eu ando sozinho,
Eu choro sozinho
— Por que te foste,
Minha Maria?

Ainda os Grupos Literários

ADERBAL JUREMA

A VELHA Escola do Recife tinha, na verdade, característica de um grupo literário com ideais comuns que por muito tempo influíram nas gerações que sucederam a Tobias e Silvio Romero. O choque entre os partidários do racionalismo germânico do mestre de Escola e o romantismo castroalveano define precisamente os grupos em antagonismo nos corredores da Faculdade de Direito e nos torrinhos do teatro Santa Isabel, o que não ocorre, agora, entre os chamados grupos dos suplementos que, para se degladiarem, vivem imaginando moínhos fantásticos, como o nunca assás louvado don Quixote De La Mancha.

Dai o ar de espanto de alguns escritores que nos visitam, quando verificam a não existência dos propalados grupos que vivem precariamente na imaginação de certos intelectuais na intimidade. O que há de mais definido nessa história de grupos literários, é, sem dúvida, o Teatro do Estudante de Pernambuco que possui um ideal comum a todos os seus componentes.

Neste velho burgo de Duarte Coelho, os grupos ainda estão por se formar, o que não acontece no Rio Grande do Norte, por exemplo, com o grupo de pesquisadores folclóricos de Câmara Cascudo, do qual podemos citar, de passagem, nomes como Hélio Galvão, Osvaldo Martins e Veríssimo de Mélo.

No Paraná, Dalton Trevisan, quase sozinho, dá fisionomia de grupo ao movimento literário de "Joaquim" e, no Rio Grande do Sul, o pessoal de "Quixote" escolheu um "slogan" — vamos fazer uma barbaridade — para fazer alguma coisa de comum entre eles.

Provável será que, no futuro, os grupos surjam entre nós, como hoje já podemos apontar, no domínio da história e da sociologia, o grupo de pesquisadores pernambucanos que obedece à orientação e ao estímulo deste sempre jovem mestre Gilberto Freyre.

Muitos são os caminhos para os grupos literários e sociais e estas considerações não nos impedem, porém, de salientarmos o esforço e a vivacidade com que os diretores dos suplementos locais estão ajudando a formação de uma consciência literária sadiamente provinciana na terra de Nabuco.

Algumas Notícias da França

A A PUBLICAÇÃO dos 11 primeiros volumes de "Mes Cahiers", de Maurice Barrès foi considerada como um dos significativos acontecimentos editoriais da França no período 1939-1938, quando apareceram. Agora, em edição Pion, aparece o tomo 12 daquela obra — o que vem despertando enorme interesse nos meios literários parisienses.

COMENTANDO a edição francesa das "Memórias de Braz Cubas" ("Mémoires D'Outre-Tombe de Braz Cubas") de Machado de Assis, René Lalou escreve em "Les Nouvelles Littéraires": les lecteurs des Mémoires y goûteront la grâce poétique, la tendre mélancolie, la nostalgique saudade qui avaient immédiatement conquis les premiers admirateurs français de Machado de Assis".

A "SOCIÉTÉ des Gens de Lettres" distribuiu os seus dois Prêmios Literários de 1949. O primeiro coube a Mme. Germaine Beaumont — por conjunto de obra; o segundo a René Maran, também pelo conjunto da sua obra. Mme. Germaine Beaumont, laureada em 1930 com o prêmio "La Guirlande", é autora de vários romances, dentre os quais destacamos "Cendres" e "Fruit de Solitude". René Maran, por sua vez, obteve em 1921 o Prêmio Goncourt, com o romance "Batoula".

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

João Pessoa, 15 de maio de 1949

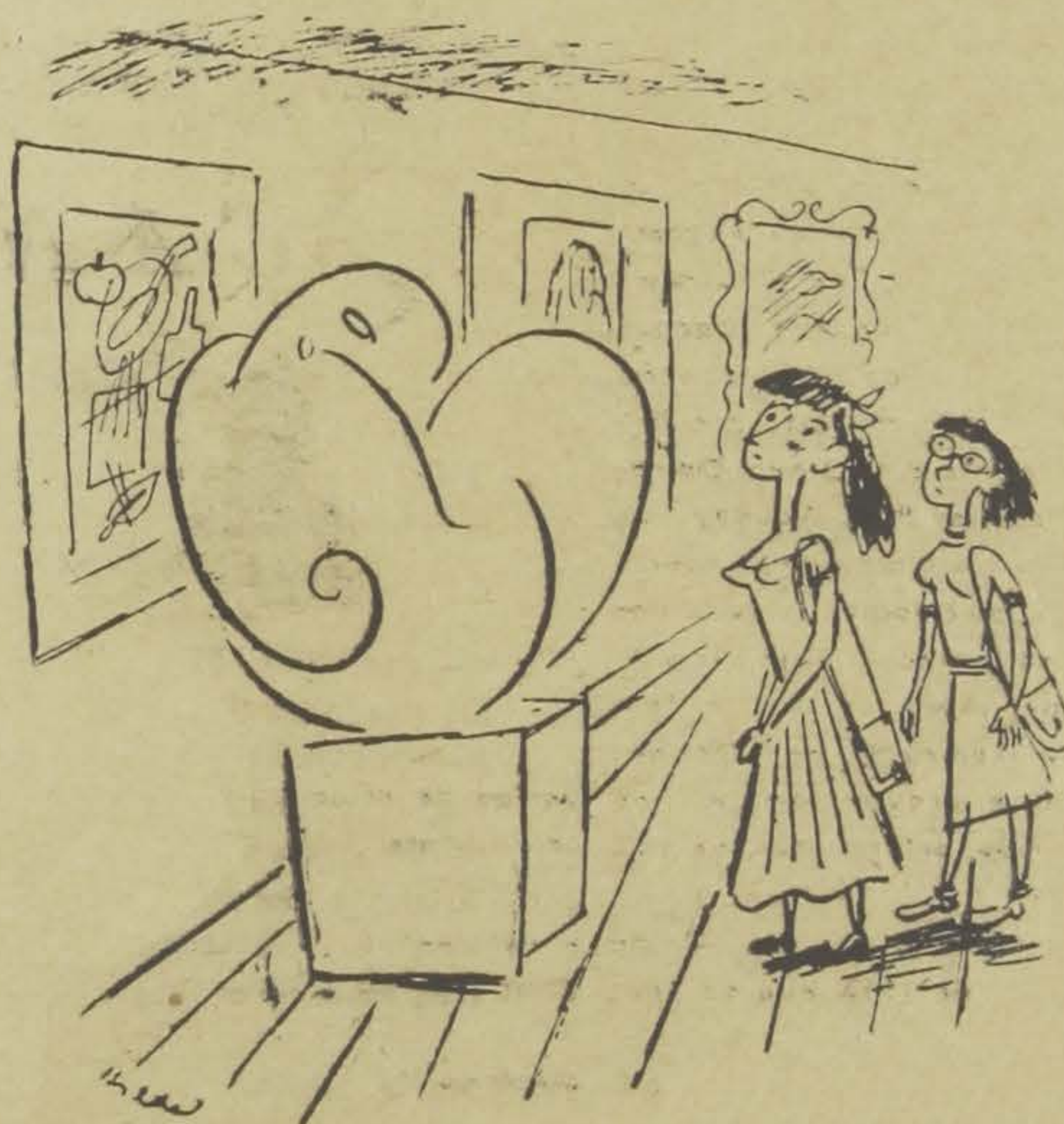
CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS
COLABORADORES

A. Accioly Netto, Aderbal Jurema, Afonso Felix de Sousa, Afranio Coutinho, Antonio Bento, Antonio Brayner, Antonio Franca, Bandeira Tribuzi, Bezerra de Freitas, Brito Broca, Carlos Romero, Celina Aguirre, Celso Otávio Novais, Clovis Assunção, Clelia Silveira, Clovis Moura, Cyro Pimentel, De Castro e Silva, Djacir Menezes, Dilermando Luna, Edmur Fonsêca, Edson Nery da Fonsêca, Enrico Camerini, Evaldo Coutinho, Fernando Ferreira de Loanda, George Mattos, Gilberto Freyre, Guerra de Holanda, Hamilton Pequeno, Haroldo Bruno, João Condé, João da Veiga Cabral, João Cabral de Melo Neto, José Paulo Moreira da Fonsêca, José Lins do Régio, Juarez Batista, Léo Ivo, Lucia Miguel Pereira, Lopes de Andrade, Malaquias Abrantes, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Manuel Diégues Junior, Maria da Saudade Cortezão, Nice Figueirêdo, Nilo Pereira, Orlando Romero, Otto Lara Rezende, Péricles Leal, Raul Lima, Reinaldo Moura, Sosigenes Costa, Tullo Hostilio Montenegro, Van Rogger, Wilson Chagas e Wilson Martins.

ILUSTRADORES

Arnaldo Tavares, Arpad Szenes, Augusto Reynaldo, Carlos Thiré, Cicero Dias, Fayga Ostrower, Helio Feijó, Hermano José, J. Lyra, Ladjane, Pancetti, Santa Rosa, Van Rogger, Yllen Kerr, Wilson Rodrigues, Woller e Zuleno Pessoa.



NUMA EXPOSIÇÃO DE ESCULTURA

AINDA PROUST

HAROLDO BRUNO

MARCEL Proust, Giraudoux, André Gide, Martin du Gard, e alguns outros, representam o espírito mais duradouro de renovação da literatura francesa moderna, a que não se deve, por ora, acrescentar a experiência mais recente de um Sartre e de um Camus, pois muita coisa na obra destes dois escritores poderá ainda sofrer rigorosa seleção para entrar na seleção do pensamento e da arte. Mas nenhum melhor do que o autor de *À la recherche du temps perdu*, pelo valor universal de sua mensagem, tomada essa palavra no sentido profundo que lhe dá Jacques Breton em seu *Marcel Proust* — étude critique; pela dupla aventura no tempo e no espaço, pela amplitude de visão do psicológico que não elimina mas, ao contrário, se condiciona no social e no concreto, pela originalidade da composição e do estilo, — nenhum é mais sintomático de determinado estado de cultura, patrimônio nacional comum de todos esses que mais modestos, somente lhe aproveitaram aspectos.

Aparentemente, a obra de Proust constitui, na tradição clássica da literatura francesa, informada por aquele espírito racionalista de clareza e medida que já data de Montaigne, coisa de latimidade, um rompimento, uma parada súbita, aliás sem fundas consequências, logo retomada por um Gide, que conciliaria os dons mais velados da expressão multiforme de Chateaubriand, como exemplo apenas de outro rumo do estilo francês, com aquele mesmo espírito transparente e nobre. Os reparos de um Paul Souday ao seu minucioso método de investigação psicológica, alguns dos quais nos parecem hoje completamente ingênuos foram em dúvida inspirados no reconhe-

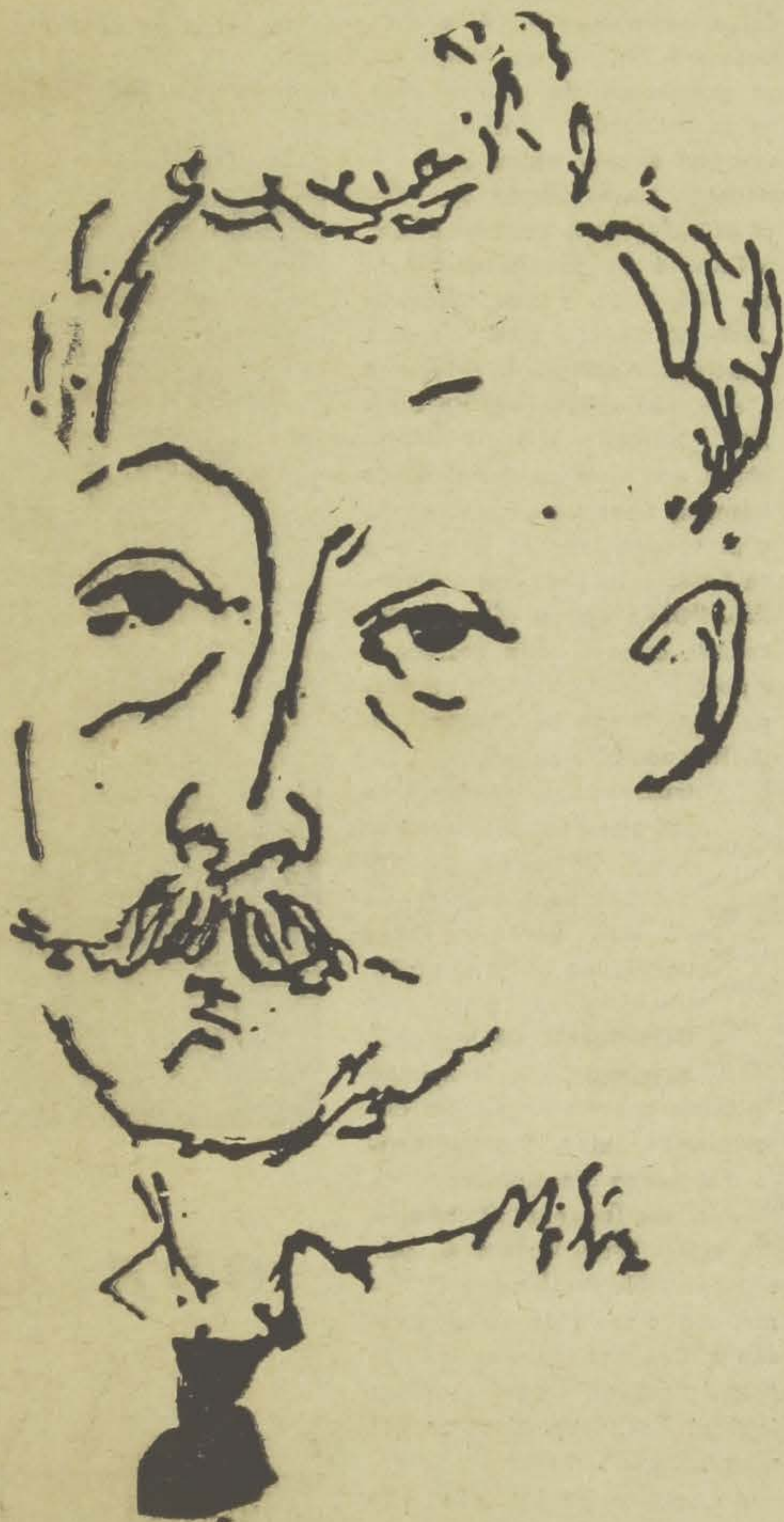
— nós preferimos um processo mais sintético". Talvez esse crítico e alguns mais no seu tempo, que subirentes am semelhante restrição, suspeitasse sob a forma de uma paixão infinita pelo processo analítico, o

E daí as aproximações com nomes da literatura inglesa, cujas dominantes seriam mesmo o desdobramento e a pesquisa, a experimentação conceitual e a plasticidade de linguagem: Ruskin e Dickens.

nos quanto à intensidade e unidade do sentimento, não só reproduz na sua obra as correntes literárias e artísticas da época (o simbolismo, o impressionismo,) como reflete na sua ampla concepção idéias de filosofia. Podemos de passagem constatar, aliás sem nenhuma pretensão em afirmar aspectos da obra proustiana já largamente estudados por críticos franceses, como aplicava à restauração pela memória do tempo transcorrido teoria semelhante à que Bergson, fruto também da mesma idiosincrasia que se preparava lentamente, desenvolve em seus livros com o nome de teoria da percepção pura, e alguns trechos extraídos de *Matière et Mémoire*, que nos permitam tentarmos, acaso exemplificassem melhor: "... le rôle de notre conscience, dans la perception, se bornerait à réaliser par le fil continu de la mémoire une série ininterrompue de visions instantanées, qui feraient partie des choses plutôt que de nous". On chercherait vainement, en effet, à caractériser le souvenir d'un état passé si l'on ne commençait par définir la marque concrète, acceptée par la conscience, de la réalité présente".

Ortega y Gasset mostra em seu estudo *Tiempo, distancia y forma en el arte de Proust*, como esses valores pela primeira vez introduzidos no romance com categoria fundamental, que ocasionaram uma radical inversão na maneira sentir e descrever seres e objetos, estavam na relação mais íntima com a paisagem artística dominante. A literatura marchava paralelamente às outras artes, a psicologia estática do homem de Plutarco dera lugar à noção da personalidade como movimento e projeção de sensações e afetos; a Ingres sucedia Renais, a Stendhal, Proust. Ele seria, pois, um representante desta mentalidade de que sua obra é a expressão mais completa no romance.

Enquanto Gide se preocupa com a tese moral, por mais



PROUST

no perigo de dissolução disso que comumente significa a idealização mais alta da cultura francesa: a concisão e harmonia apenas atingidas, na arte como na ciência criadora, pelo processo sintético.

George Eliot e Meredith, Henry James, Joyce, e até com nomes russos: Tolstói e Dostoiévsky.

No entanto Proust, que teria um precedente histórico no Adolphe de Constant, pelo me-

George Eliot e Meredith, Henry James, Joyce, e até com nomes russos: Tolstói e Dostoiévsky.

No entanto Proust, que teria um precedente histórico no Adolphe de Constant, pelo me-

Lembro-me de ter lido em Amora que as escolas literárias se assemelham profundamente às modas. Ambas, com efeito, têm as mesmas condições de existência, ambos os mesmos processos de formação. As modas, entretanto, são apenas "o sinal externo dum imperativo de seleção" (Fidelino de Figueiredo), enquanto as escolas, conforme conceitua Brandes, são "o resultado de uma comunidade consciente de autores que se submeteram à direção de uma convicção qualquer mais ou menos formulada". Subordinam-se, pois, a uma doutrina, defendem uma teoria estética, um credo literário. Por isto mesmo, não se confundem com os grupos, que se fundamentam na camaradagem literária e são apenas "o resultado da união natural e desintencionada entre espíritos e obras de uma tendência comum" (Brandes), nem



AINDA PROUST

(CONCLUSÃO)

gratuita que seja na aparência. Proust, analista objetivo, apresenta uma súpula de problemas de toda ordem, inclusive o incitamento às interpretações metafísicas e pascalianas, como como esta que Henri Massis acaba de tentar no livro De André Gide à Proust. A noção moral seria um preconceito arbitrário de quem dele se aproximasse, e Massis pensa contornar essa impossibilidade, tácitamente reconhecida, excluindo de suas considerações a obra cíclica e ficando com o adolescente e cronista de Les Plaisirs et les Jours. O certo é que À la recherche du du temps perdu não comporta nenhuma verdade que ultrapassasse e da observação. Simples, desinteressada e imparcial do homem, e esta, parece-nos, nenhum romancista — Gide, Giraudoux ou Martin du Gard, — partindo da criação de personagens em que transfundiram apenas uma parte de si mesmos, elevou a uma expressão mais universal do que Proust todo absorvido na sua consciência.

Escolas Literárias

JOSÉ BRASILEIRO

se confundem com as chamadas igrejinhas literárias, que, apresentando como elemento de caracterização e interesse, são exclusivamente grupos alicerçados numa camaradagem interesseira.

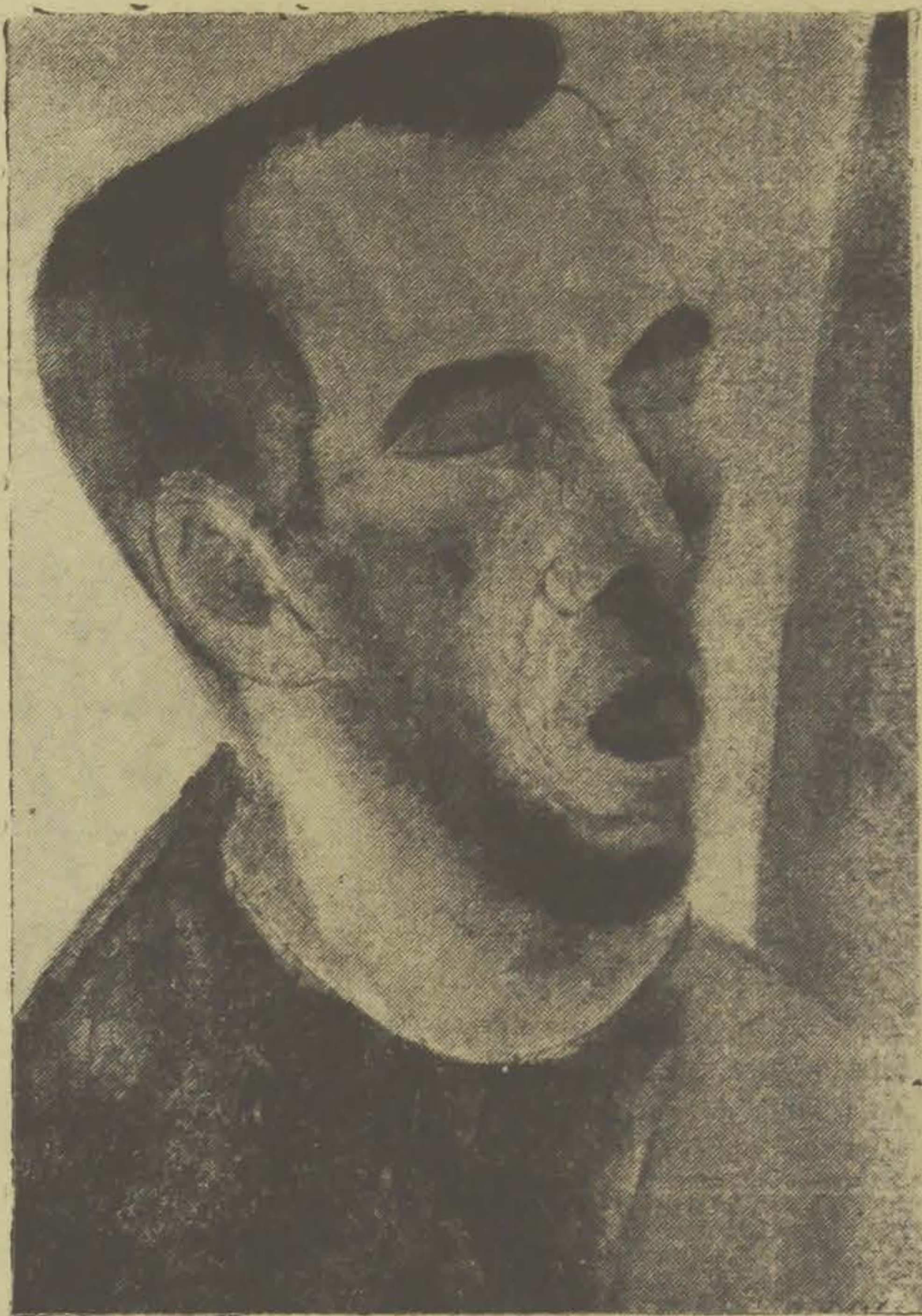
As escolas, na verdade, são resultado de uma atitude estética de caráter coletivo. Resultam de uma necessidade: a renovação literária. Refletem o espírito do tempo e se processam de acordo com as modificações sociais, pois sempre existe, entre esta e aquelas, uma relação de dependência, que, se não é absoluta, é ao menos constante. Foi, aliás, o que observou José Veríssimo com muita exatidão. As obras de arte, com efeito, são afirmações do espírito humano e a literatura, sendo um meio de definição do homem, deve variar de acordo com os anseios dos homens e as transformações das sociedades. "Cada época, diz aquele crítico, e pois cada sociedade e portanto cada homem emprega uma forma particular em definir-se. É essa variação fatal e necessária do homem e da definição que de si dá, das épocas e das pinturas que de si fazem, que produz e legitima as escolas". Daí, talvez, a razão por que alguns autores preferem considerá-las "fases da história cultural do homem". Para estes, escola seria apenas imitação consciente de um determinado autor, "agrupamento em torno de um modelo". Onde, em lugar de Romantismo e Realismo, teríamos, por exemplo, Hugoanismo e Zolismo, o que seria dar inteira razão a Croisset, para quem escola é "quelqu'un qui a du talent et beaucoup d'autres qui n'en ont pas".

As escolas, porém, não são apenas isto. Não consistem somente numa imitação consciente de um autor, de um modelo. Surgem, é verdade, quando um autor assume nova atitude estética. Mas, sobretudo, são manifestações coletivas, grupos de escritores obedecendo a uma determinada doutrina literária. São manifestações que não se caracterizam somente por sua

extensão no tempo e no espaço, por seu maior ou menor domínio geográfico ou sua maior ou menor penetração no tempo, da mesma forma que não se caracterizam também por uma ação direta e imediata na totalidade dos gêneros literários. O Parnasianismo foi, com

efeito, um movimento exclusivamente de poetas e o Simbolismo teve, no tempo e no espaço, limites reduzidos. Entretanto, ambos se identificaram como escolas, porque se afirmaram como um credo literário definido: — um defendeu intransigentemente a teoria da "arte pela arte" e o outro recorreu ao símbolo e transformou o verso numa "orquestração poética".

(CONTINUA)



DESSESPERO — Pancetti

ODE AO IRREAL

JOÃO FELICIANO

NÃO CONSIGO DESVENDAR OS MISTÉRIOS PROFUNDOS,
ADORMECIDOS NA MINHA RETINA;
AS IMAGENS INFORMES DOS MEUS SONHOS
JAMAIS CHÉGARÃO A SER FIGURAS PERFEITAS,
NA MINHA CONCEPÇÃO.
OS FIOS DA MEMÓRIA ESTÃO SEMPRE DESLIGADOS,
PARA QUE ALI NÃO PENETRE UMA RÉSTEA
DOS MEUS SONHOS INUSITADOS;
AS MADRUGADAS ME SURPREENDEM
EM LUTA COM O SUBCONCIENTE,
BUSCANDO, INULTIMAMENTE, RECOMPOR
AS IMAGENS FUGITIVAS
DAS MINHAS INCURSÕES NOTURNAS,
PELOS CAMINHOS FANTASMAGÓRICOS...

DIREITO E SOCIOLOGIA — II

Novos Rumos do Direito Público

GLAUCIO VEIGA

O princípio da eletividade da magistratura fôra adotado com entusiasmo por Jefferson. Nos primeiros decênios, após a Independência, prevalecia o axioma da nomeação em todos os Estados-Membros, excetuando Connecticut, onde vigorava as eleições judiciais.

Impressionado com a situação de superioridade da magistratura, daquele Estado, sobre as demais das outras unidades da federação, Jefferson argumentou, em carta de 12 de julho de 1813 que as eleições dos juizes pelo povo era um imperativo dos princípios republicanos.

Von Holst que derramou em oito volumes o seu estudo sobre o Constitucionalismo americano, transcreve o pensamento de Jefferson:

"It has been thought that the people are not competent electors of judges learned in the law. But I do not know that this is true, and if doubtful, we should follow principle. In this, as in many other elections, they would be guided by reputation, which would not err oftener, perhaps, than the present mode of appointment The judges of Connecticut have been chosen by the people every six months, for nearly two centuries, and I believe there has hardly ever been an instance of change; so powerful is the curb of incessant responsibility". (Jefferson's Works VII, p. 12 cit. por von Holst em "Constitutional and Political History of United States", vol III, p. 150).

Fugindo a uma apreciação teórica da questão em tela, von Holst, todavia deli-

xa entrever o seu repúdio ao sistema eleitoral, assinando o fracasso do sistema no Mississippi, como em outros Estados. Quanto ao primeiro chega a escrever que "in the State (Mississippi) party politics soon appeared in their ugliest and most destructive form, in the judicial elections" (op. cit. p. 153).

Contudo, mais candente foi a condenação de Brook Adams a quem dou a palavra:

"No sistema norte-americano a Constituição . . . é interpretada pelos magistrados e esta função, que em sua essência é de caráter político, trouxe uma pressão sobre os tribunais, pressão que cem gerações de nossos antepassados não poderiam evitar" (The Theory of Social Revolution, p. 45).

E continua naquele seu estilo meio-panfletário:

"Os tribunais americanos, em virtude de se ocuparem de assuntos políticos, debatidos acaloradamente são instrumentos necessários ao bom êxito na política. Em consequência, os partidos políticos se esforçaram em dominar os tribunais e estes pecam sempre pela parcialidade partidária" (op. cit. 47-48).

A superioridade do processo de nomeação pelo Executivo sobre o da eleição ressalta do contraste entre a justiça federal e a justiça estadual. Como muito agudamente distingue Carlos Maximiliano (Cfr. Comentários à Constituição Brasileira de 1946, vol. II, p. 307) a justiça federal é o orgulho do país. Não há atritos entre os juizes. Tranquilidade, solenidade, dig-

nidade e rapidez acentua o ilustre jurista gaúcho fazendo suas as palavras de Willoughby no seu livro "The Supreme Court".

Uma contribuição importante traz ainda o prof. Oswaldo Trigueiro não somente ao Direito Público mas à Sociologia das Revoluções. Assinala o autor a presença, no preâmbulo da Constituição de Mass., do direito expresso de revolução.

É comum nos tratadistas apontarem o princípio da legalidade revolucionária Prinzip der Revolutionären Gesetzmaessigkeit — como originário e concretizado no art. 43 da Constituição da U.R.S.S.

Contudo, o direito de revolução não está reconhecido na Carta Magna Soviética com a amplitude e clareza da Constituição de Mass.

O texto famoso é o seguinte na tradução francesa da obra de Stefan Yaneff:

"Art. 43 — En vue d'affermir la légalité révolutionnaire sur la territoire de l'Union des R.S.S., il est institué auprès du Comité Exécutif Central de l'Union des R.S.S. un Tribunal Suprême à la compétence duquel ressortissent (Stefan Yaneff — La Constitution de L'Union Des Républiques Socialistes Soviétiques—1926).

Segundo o sentir do prof. Archipov, o princípio da legalidade revolucionária significa que materialmente os órgãos subordinados da administração cumprem as disposições dos órgãos estatais superiores, sem levar em conta o caráter normativo ou individual de tais preceitos (no original: "Das Prinzip der revolutionären Gesetzmaessigkeit bedeu-

tet materiell, dass die untergeordneten Organe der Verwaltung zur Ausfuehrung der Anordnungen der uebergeordneten verpflichtet sind ungeachtet dessen, ob die Anordnung eine normative oder individuelle ist; diese Behoerde ist dann ihrer seits befuegt, noch niedriger stehende staatsorgane und die Buerger auf dieselbe weise zu verbinden" (Cfr. Pinto Ferreira — Principios Geral de Direito Constitucional Moderno).

A contribuição do prof. Oswaldo Trigueiro tem, assim, destacada importância porque nos atrai a um estudo mais minudente das Constituições dos EE.UU.

Aliás, pouco custaria ao autor ter transcrito os textos constitucionais dos Estados, pelo menos aqueles dispositivos de peculiar interesse. Facilitaria não somente ao leitor, como seria uma interessante forma de divulgação, dado a dificuldade de leitura dessas Constituições, raramente encontradas na íntegra.

Outros temas mereceram a atenção do prof. Oswaldo Trigueiro, como o "impeachment", o "recall", todos estudados e analisados a contento.

x x x

Depois da "Da Soberania", tese de concurso de 1944, o prof. dr. Pinto Ferreira lança os "Principios Gerais de Direito Constitucional Moderno", outra tese, agora, para se candidatar à catedra de Direito Constitucional.

O prof. Pinto Ferreira, com os seus vinte e nove anos, é um menino inquieto. Aliás, a criança mais buliçosa que já andou pela Faculdade de Direito do Recife. Com 18 anos escreveu a monografia "Novos Rumos do Direito Constitucional", livrinho que deixou muita gente de boca aber-

ta. O prof. Agamenon Magalhães — péssimo político mas um grande jurista — foi um dos primeiros a pegar da pena para vaticinar a carreira do prof. Pinto Ferreira.

Pinto Ferreira representa para a geração da Faculdade de Direito, de hoje, o que Tobias Barreto foi para o seu tempo. Não somente superou o mestiço em prestígio no meio dos discípulos como certamente para o futuro passará a perna no sergipano, quanto ao valor e cultura jurídica.

x x x

Aborda no seu livro, o prof. Pinto Ferreira um tema interessante e que merece um destaque especial. Trata-se da famosa doutrina da separação dos poderes de Montesquieu.

Juristas do quilate de Rui Barbosa pensavam que "a fórmula dos três poderes, fórmula que tem suas primeiras raízes nos livros de Aristoteles, conta quase dois séculos de idade ativa na ciência das Constituições" (Rui Barbosa — "O art. 6 da Constituição e a Intervenção de 1920 na Bahia" in Comentários à Constituição Federal Coligidos e Ordenados por Homero Pires — 1932 — vol. I, p. 407).

A doutrina da separação dos poderes é um desses grandes "enganos da peste" — usando a expressiva frase popular — em que laboram vários publicistas. A separação dos poderes, na realidade, nunca existiu.

Ela aparece na Declaração dos Direitos do Homem, no art. 16:

"Toute société dans laquelle la garantie des droits n'est pas assurée, ni la séparation des pouvoirs déterminée n'a point de constitution".

Nas constituições de 1791 e de 1848 a fórmula ainda lateja. A última delas estatua:

"Art. 19 — La séparation des pouvoirs est la

première condition d'un gouvernement libre".

Mas, pergunta-se, teria de fato Montesquieu falado em separação dos poderes?

Deve-se ao prof. Billoe Pinto e ao dr. C. A. Lucio Bittencourt um dos mais interessantes estudos sobre o assunto.

O primeiro no seu livro "Regulamentação Efetiva dos Serviços de Utilidade Pública" voltou às fontes da

doutrina — o "Espirito das Leis". Estudando o livro XI e, particularmente, o célebre cap. VI, o prof. Billoe Pinto chegou a conclusão que Montesquieu não falou em separação de poderes.

De fato, já Duguit disse que "l'expression 'séparation des pouvoirs' n'est pas employée un seule fois par Montesquieu".

(Continua)

POEMA

EDMIR REGIS

SER O VIAJANTE ETERNO
PELA ESTRADA DO SONHO.

VER O MAR DA LOUCURA
DESDOBRAR-SE EM ONDAS DE IRA.

SENTIR SAUDADE DA MÚSICA
QUE A BRISA MARINHA LEVOU.

VIAJAR, VIAJAR, SEMPRE VIAJAR
CONTEMPLANDO OS ASTROS
DO CÉU DOS POETAS INCOMPREENDIDOS;
DESCOBRIR PLANETAS NO FIRMAMENTO INCOGNITO.

CONTEMPLAR AS MONTANHAS DA ILUSÃO,
ERGUIDAS NO SEIO DA VIDA.
SER O VIAJANTE ETERNO
PELA ESTRADA DO SONHO.

Música

A SOCIEDADE de Cultura Musical da Paraíba realizará, no próximo mês de setembro, nesta capital, o 1.º CONGRESSO DE MÚSICA DO NORDESTE, conclui-se este que reunirá as maiores expressões musicais de Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Essa iniciativa da S. C. M., que está contando com o apoio de várias autoridades e sociedades culturais, vem despertando o mais vivo interesse.

CENTENARIO DE CHOPIN

A ORQUESTRA Sinfônica da Paraíba, da Sociedade de Cultura Musical e a Escola de Música "Santa Cecília" prepararam-se para comemorar o centenário da morte de CHOPIN.

ANIVERSARIO DE CARLOS GOMES

O ANIVERSARIO natalício do grande compositor nacional Carlos Gomes será festejado, nesta capital. A Orquestra Sinfônica vem organizando um programa com páginas do autor de O GUARANÍ.



Xilogravura de Fayga Ostrower

FRANS POST NO BRASIL

RENATO ALMEIDA

O estudo da gente holandesa, que pretendeu conquistar o Brasil e malogrrou, graças ao esforço enérgico dos habitantes da terra, nos quais brotou pela primeira vez o sentimento nativista, pretendendo perpetuar a nacionalidade que se ia formando entre as três raças iniciais, é um assunto sempre interessante e sedutor, que mostra, cada vez mais, como o holandês jamais sentiu a terra americana ou nela se adaptou para construir uma obra definitiva.

Tudo foi passageiro e de ocasião e lhe faltou aquele sentido colonizador e humano, com que os portugueses foram lenta mas seguramente edificando aqui uma nação. A própria Maurícia não foi feita para o Brasil, apenas para os holandeses, que viessem governar a nova colônia, viverem em ambiente confortável e luxuoso.

Por isso mesmo sua passagem foi efêmera e as marcas holandesas não ficaram na terra, mas na obra dos sábios e dos artistas que se ocuparam do Brasil. Ficou o que escreveram e gravaram e não o que fizeram. Nem por isso essa contribuição deixa de ser valiosa e os livros de Barleus, Piso e Macgrave, bem assim as pinturas de Post, Albert Eckhout e Zacharias Wagner e as cartas de Goliath se contam entre os mais significativos documentos do Brasil holandês. Sem embargo, a maior obra que realizaram foi despertar o espírito nacional, que surge na luta e na resistência nativa e se afirma, gloriosamente, nos Guararapes.

A história da passagem dos holandeses pelo Brasil acaba de ser enriquecida com o apreciável trabalho do sr. Joaquim de Souza Leão Filho, sobre Frans Post, cuja vida e obra de há muito vinha estudando com o mais cuidadoso desvelo. Nesse estudo, feito e

luxuosamente ilustrado, nos dá, com o panorama social do Brasil holandês, a cronica da vida do pintor e uma cópia de informações preciosas sobre os seus quadros brasileiros, que constituem elementos de alto valor para conhecer a paisagem e certos ambientes do tempo, fixados pelo pincel de um artista que, se não atingiu as culminâncias da pintura em seu país, possuía uma técnica segura e honesta, feita na escola holandesa, a par de aguda e penetrante sensibilidade.

As suas telas sobre a nossa terra permitem incluí-lo entre os primeiros que sofreram o sortilégio da nossa paisagem e lhe acentuaram os encantos e maravilhas.

Contemporâneos de Frans Halls, que lhe fez o retrato, ligava-se a grande pintura holandesa de Haarlem, onde nasceu em 1612, em pleno esplendor do mestre insigne. Para o sr. Sousa Leão, viveu Post "à margem dos grandes holandeses: Seghers, Ruisdael, Van Goyen que, ao redor de Rembrandt, levaram como êle vidas atribuladas. Burquês de quatro costados, com o ganha-pão assegurado, faltou-lhe o senso da emoção e do drama para adquirir a largueza e o domínio daqueles artistas. Ficou Post alheio à irradiação todo poderosa do mestre de Amsterdam. Os pintores com os quais mais se aparenta são Koninck, cujos quadros apresentam as mesmas planícies verdes flutuando no horizonte, e Van der Hagen, de quem terá imitado a concatenação das ondulações do terreno e das matas, de modo a formar a alternância regular das manchas claras e escuras, características da sua obra final. Contudo, não passam de coincidências fortuitas da técnica". Entretanto, as essências holandesas estão sempre presentes na sua pintura, as

ligações com as origens são evidentes e o traço marcante do desenho, da composição e do colorido é fundamentalmente da escola holandesa. E nisso está a grande vantagem, para permitir, pela semelhança das paisagens e das imagens, que as suas "variações sobre motivos brasileiros" resultassem retratos fiéis daquele pedaço do Brasil que fixou.

O sentido, a minúcia, o absorvente realismo, a co-munhão do homem com a natureza, a tranquilidade do ambiente caracterizam Post no espírito da arte da sua terra. Viu o Brasil, com os mesmos olhos com que os holandeses sentiam suas terras e a qualidade da sua pintura aquieta o impeto do nosso meio tropical. Mas, a exatidão, que celebrizou a escola holandesa, em presta às telas um excepcional mérito documental e, se não traduziu o sentimento vigoroso do ambiente e sua exaltação, descreveu com segurança, tal qual eram, paisagens e figuras, enge-nhos e caminhos. Não que sejam frios os seus quadros, pois os anima um há-lito quente de artista apaixonado pela natureza, "o sol tinge, as árvores se imobilizam e a luz se projeta em cheio, direta", apenas nos dão o Brasil através de um temperamento holandês, numa atmosfera que não será a nossa. Mas tudo está certo e podemos, por êles, reconstituir muito desse Pernambuco do século XVII, que perpetuou em formosas obras de arte. Foi sem dúvida um dos motivos de nossa gratidão a Nassau, ter trazido em sua companhia artista de tal porte.

O sr. Sousa Leão estuda com agudeza, não só a obra de Post, como procura indagar-lhe as intenções, os processos de pintura, a técnica empregada e mesmo as tendências espirituais, o que é de maior importância, pois não bus-

camos apenas na sua obra o mérito artístico, mas, como observou Ribeiro Couto, a "documentação prodigiosa da nossa vida social". Nesse sentido tem grande merecimento o trabalho do sr. Sousa Leão, feito num clima de simpatia pelo pintor, ao mesmo tempo que deslinda com paciência de bibliófilo apaixonado, as referências esclarecedoras, os dados elucidativos. Mostra que o pintor teve duas maneiras, entremeadas por um período de transição, através do que se nota de preferência a evolução do artista que, segundo seu crítico, caminhou da originalidade e força iniciais para a mestria e o virtuosismo, e indica como, através desses caminhos, se deve verificar a sua obra brasileira.

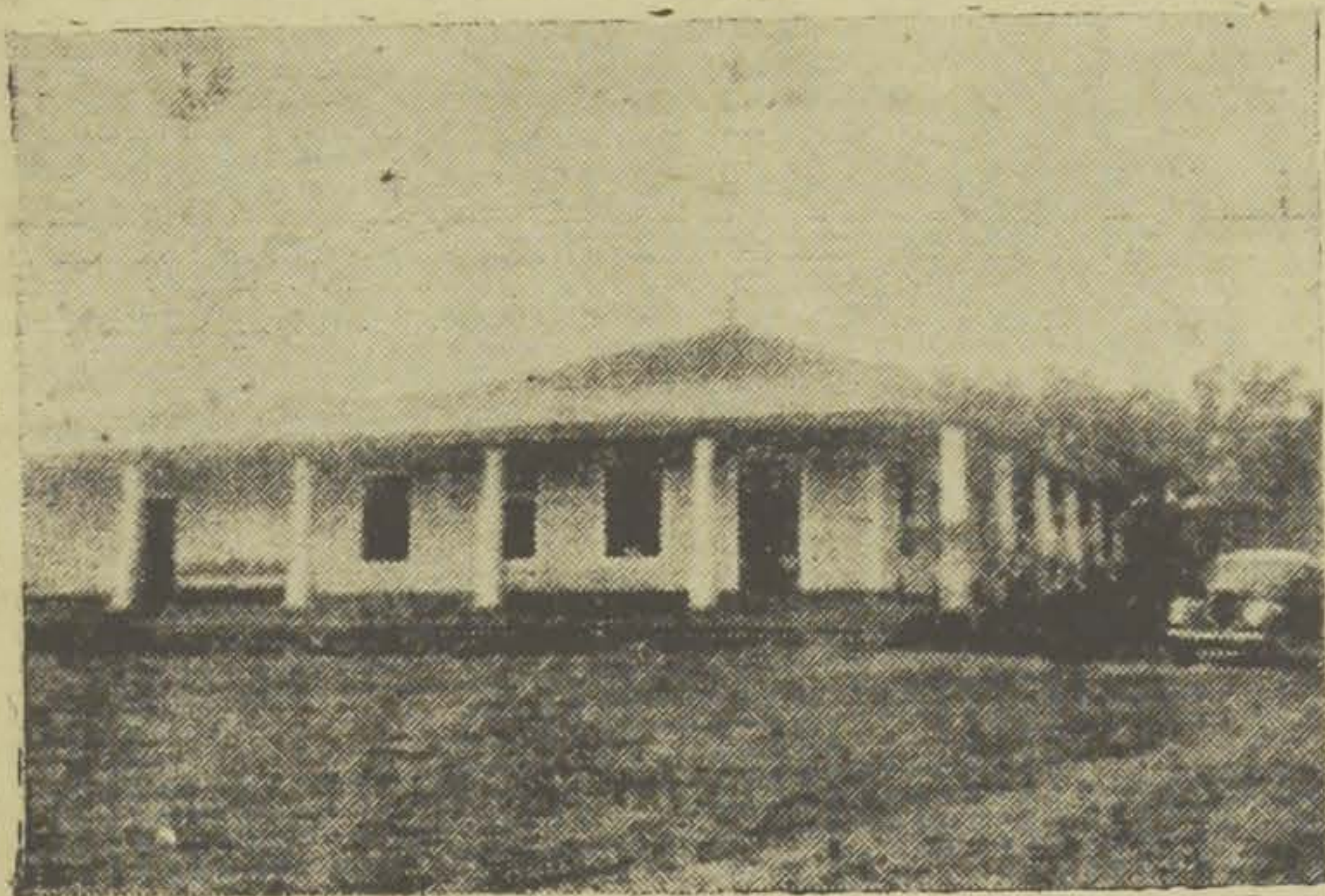
Na análise minuciosa do processo de Post, louva-lhe a preocupação bem holandesa de retratar a fisionomia do país; a sua honestidade artística, que não impediu aliás "muito quadro medíocre, muita coisa apressada"; a sensibilidade de suas obras finais, nas quais a virtude do artista consistia na perfeição li-mear, na exatidão topográfica; o lirismo da interpretação da natureza ou ainda a paisagem rural, que lhe ficou sendo verdadeira obsessão. "Chega-se mesmo a suspeitar — escreve — que o pintor se tivesse tornado Senhor de Engenho, como tantos patricios seus, tão conhecedor se mostrava das minúcias da fabricação do açúcar. Os figurantes de gibrão e feltro que mais frequentemente aparecem nos seus quadros são Senhores de Engenho, ora a cavalo escolando a Sinhá Dona conduzida em rede, ora a pé, acompanhando a Missa. Negros e índios, ativamente ocupados na labuta da moenda, povoam suas cenas rurais".

Não se obalanga o sr. Sousa Leão a conclusões (Conclui na página 12)

O Engenho Corredor...

DE CASTRO E SILVA

ISTO aqui é a casa grande de suas palhetas, gesticulando do "engenho corredor", no município de Pilar, que pertenceu ao coronel José Lins, o velho Bubú, onde o menino de engenho Zé Lins do Rêgo viveu os dias de sua infância...



CASA GRANDE DO ENGENHO CORREDOR

Antigo engenho, às cabeceiras do rio Paraíba ainda hoje, ali, por algumas cacimbas ras do rio Paraíba ainda hoje, abertas em seu leito — na austérité arquitetônica de seus pilares e alpendres na desproporção das salas e quartos, no rasgado paralelo das grandes janelas sem adufas, nos bancos de madeira, de tubos largos e compridos, que se encostam às paredes, no tijolo de ladrilho que se assenta no chão duro da casa grande, no quarto dos santos, no corredor escuro e comprido que leva à sala, na cozinha, de fogão de alvenaria, nos retratos austeros dos maiores da família, pendurados à parede — tudo isto representa um mundo de lembranças daquele mundo vivido pelo romancista paraibano, que se criou permeando as areias soltas do rio amargo, que lhe acariciou a desenvoltura de suas doçes infantis...

O velho "engenho corredor" hoje entregue à plantação de pita e à fabricação de um pouco de aguardente, possui os alçórces bem fincados, donde se espia a paisagem chã e verdejante dos campos imensos, que se alongam a perder de vista. Atraz, o cata-vento roda sem parar, no barulho demoníaco

Atraz ainda, o rio, o velho rio Paraíba, a correr desembestado nos grandes dias do inverno e a mostrar a alvura das suas areias, no período das estiagens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

estigens, pontilhado, aqui-

Aqui, viveram os personagens de seus romances, os bons e os ruins, aqueles que lhe deram saudades e os que lhe nauseava lembrá-los... Tudo isso se sente ao rever o "engenho corredor", na varzea do Paraíba,

VARIAS

A REVISTA "MOLEQUE"

ENTRARÁ em composição ainda este mês a revista MOLEQUE, publicação dos "novos" paraibanos e que obedece à direção de Hamilton Pequeno, Carlos Romero e George Mattos.

MEMÓRIAS

O JORNALISTA contatado José Leal, presidente da Associação Paraibana de Imprensa, está escrevendo as suas memórias.

Nesse seu novo trabalho, que vem sendo feito sem pressa, o jornalista José Leal faz um relato de vários episódios desenvolvidos na vida histórica e social da Paraíba.

LIVROS INÉDITOS

ABELARDO F. Montenegro concluiu três ensaios que espera publicar logo encontra editor.

Após sérias pesquisas em Santa Catarina, conseguiu o ensaísta catarinense reconstituir a vida do poeta Negro Cruz e Souza. Dessas investigações, resultou "Cruz e Souza e o Movimento Simbolista no Brasil", em que o autor realiza interpretação mais ou menos original da vida e da obra do CISCENE NEGRO, assim como do movimento que ele liderou.

O mesmo autor tem concluído um ensaio sobre "O Romancista Cearense", no qual apresenta a evolução da romancística cearense com um estudo crítico sobre os romancistas regionais, não esquecendo de fazer preceder tal apreciação de uma visão de conjunto do meio e do homem da sua província.

"O SOLAR D'EL-REI"

O APARECIMENTO do novo livro de Augusto Maurício, "O Solar d'El-Rei", traz a recomendação do franco êxito da obra anterior do cronista, "Templos históricos do Rio de

Janeiro", na qual testemunhou qualidades assentadas de pesquisador aliadas ao gosto do escritor. Esses predicados ressurtem no ensaio histórico e, em alguns pontos, quase lírico, sobre coisas de Paquetá, prefaciado por Noronha dos Santos.

Os fatos mais relevantes da vida da pequenina e formosa ilha, dos quais são testemunhas alguns velhos prédios como a casa da rua dos Muros, onde se hospedava D. João VI. vêm narrados, sem tolher o autor nos caminhos em que acaba o documento e começa as deduções, a imaginação mesmo.

LETRAS GERMANICAS

DEVE-SE a Frei Mansueto Kohuen O. F. M. um excelente rotelheiro literário, recentemente publicado nas Edições Melhoramentos "Síntese Histórico-Literária das Letras Germanicas".

A história da forma literária desde os primeiros tempos, até 1600, o barroco e o realismo e os movimentos modernos são especialmente, fixados na monografia.

UM LIVRO SOBRE AS VELHAS IGREJAS

O ESCRITOR paraibano Oscar de Castro, presidente da Academia Paraibana de Letras, está preparando mais um livro no qual faz um estudo sobre os velhos mosteiros e igrejas da Paraíba, tendo para isso se munido de bom documentário.

"JOSE' NO EGITO"

NA sua coleção Nobel, a editora Globo está publicando a famosa tetralogia bíblica de Thomas Mann. Depois de "José e seus irmãos" e "O jovem José", saiu agora "José no Egito", em tradução de Agenor Soares de Moura, e virá, em seguida, "José, o provedor".

Nesse grande conjunto, o terceiro livro é o de mais vi-

vo interesse para todo leitor, pois encerra a parte mais propriamente novelesca em torno da paixão da mulher de Putifar pelo jovem hebreu.

A esse drama pungente, narrado com vivacidade e profundidade de visão histórica, serve de fundo toda a civilização do Egito do tempo dos Faraós.

CONTOS DE DENTON WELCH

DENTON WELCH é pintor e cronista. Reune uma só vida, duas fortes tendências: a artística e a literária. Para o que escreve, transfere muito da sua acuidade de pintor, como para a tela conduz muito de sua sensibilidade de literato. Suas histórias são plásticas, vivas, bem arquitetadas, e o seu último volume — BRAVE AND CRUEL AND OTHER STORIES, editado por Hamish Hamilton, confirma o seu talento. Dez contos estão reunidos nesse volume, em que se destacam as esplêndidas páginas When I Was "Thirteen", "At Sea", "Narcissus Bay" e "The Coffin on the Hill". Vale a pena ler Denton Welch, pois sua arte de narrador é viva, atraente, imprevista.

"CRONOS"

SITUANDO-SE no debate entre os "novos" e os "velhos" da literatura nacional, os novos de "Cronos" dizem que apenas exercem o seu direito de crítica e acrescentam:

"Nesse debate os 'velhos' se esquecem de que já foram 'novos' e que as acusações que hoje fazem lhes poderiam ter sido feitas, dando a todos nós a impressão de que nada mais resta fazer. Já fizeram tudo. Foram revolucionários. Hoje são conservadores.

Alguns dos 'novos' se perdem em acusações estereis, muitas vezes com termos menos corretos como se não tivessem a maior admiração pelos homens de 22 e 30.

Essas considerações vêm no editorial do n. 3 de "Cronos",

onde se apresenta com arte uma boa colaboração literária.

"APARENCIA DO RIO DE JANEIRO"

José Olímpio lançará brevemente, na Coleção Documentos Brasileiros, um livro que está sendo aguardado com o mais vivo interesse: "Aparência do Rio de Janeiro — Notícia História e Descritiva da Cidade", de Gastão Cruls, laureada com o Prêmio Vieira Fazenda.

O editor tem em preparo uma tiragem de luxo, reduzida, impressa em papel especial de linho telado no formato 23,5 cms. x 31,5 cms, para a qual está recebendo subscrições. O 1.º volume é ilustrado por Luiz Jardim com 25 bicos-de-pena, reproduzindo ruas, largos, igrejas, paisagens, festas de um Rio que já se foi. O 2.º volume traz 20 esplêndidas fotografias inéditas do Rio moderno, especialmente tiradas por Sascha.

O prefaciador, Gilberto Freyre, diz que Gastão Cruls, escreveu esse livro "vagarosa, pachorrenta e beneditinamente, debruçado como um frade antigo de São Bento sobre papéis velhos; e sobres estatísticas, gravuras, aquarelas, mapas. Mas escreveu-o também de olhos sempre abertos — franciscanamente abertos — ao que o Rio de Janeiro tem de vivo, de lírico e de irmão do homem em sua natureza. De olhos sempre atentos ao ruído vindos das águas e das matas e que aqui se misturam fraternalmente, aos dos bondes, dos automóveis, dos homens, dos mercados, das danças, dos armazéns, dos jogos, das ruas, das favelas, dos hotéis, como em raras cidades grandes do mundo. Como talvez em nenhuma".

CENTRO DE ESTUDOS

ACABA de ser fundado na cidade de Patos, o CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS HISTÓRICAS, entidade social de caráter cultural e científico,

An Author of Short Stories

(CONCLUSÃO DA PRIMEIRA PÁGINA)

lace imprevisito. A surpresa, invariavelmente, arre-mata-lhes o entrecho, complicado. Por vezes, sentimos necessidade de relê-los para que melhor os entendessemos.

De 21 a 39 páginas, essas composições são repletas de preciosas observações psicológicas e revelam o escritor engenhoso, mestre consumado na arte difícil de narrar. Entretanto, às vezes, perde-se êle em minúcias, que, desprezadas, nada tirariam ao conjunto da narração. Aliás, no prefácio, Maugham nota que esse talento de inventar histórias interessantes por si mesmas, quando despidas dos ademanos da composição literária, é coisa sobremodo difícil e a capacidade de criá-las, "um dom da natureza e um privilégio de poucos".

Nota Maugham, no russo Chekov, a ausência daquela virtude, apesar da existência de outras muitas, acrescentando que quem procura narrar uma de suas histórias nada encontra que dizer. (If you try to tell one of his stories you will find that there is nothing to tell). E atribue a concisão do conteur russo à mingua de espaço que lhe proporcionam os jornais e magazines onde escreve.

Ser conciso, porém, não depende de espaço. É virtude ingênita do talento, "a gift of nature", e uma das mais altas qualidades de que se pode orgulhar um homem de letras.

Foi essa virtude de Silvino Lopes que me trouxe ao espírito o "The favorite short stories", de Somerset Maugham, e o prefácio em que este aprecia a obra do francês Maupassant e a do russo Chekov.

O escritor paraibano revelase, no título admirável do livro: "Sombras que tiveram nomes".

O primeiro conto, vazado em cinco páginas, duvido que, quem quer seja, o torne a contar. É quase um milagre de concisão. A história, o valor psicológico da narração está, precisamente, no que por êle não foi dito. O que êle diz, pouco vale em relação ao que

deixou de dizer.

Logo de começo, no conto a que me reporto — A Escada de Jacob — assinala que Jacob e Marta "se casaram", que "o amor viria depois", e, assim "se embarcaram para o Brasil".

Aquí, a vida lhes corre calma e silenciosa, sem acidentes e com poucas conversas. Nada perturba a quietação daquele lar quase sem vida.

A empregada sai pontualmente às 18 horas. De volta de seus negócios também à hora certa, todas as noites, num mesmo lance de escadaria encontra Jacob um mesmo cavalheiro desconhecido, talvez um inquilino do terceiro andar.

Em seu lar a mesma quietação costumeira.

— Certa vez, por acaso, veio para casa mais cedo e, no lance da escadaria encontrou o desconhecido. Cumprimentaram-se.

Um belo dia, porém, deu-se um desencontro inesperado. Sentiu o sírio a falta do desconhecido e inquietou-se. Aquele homem, uma espécie de fantasma constante, não lhe aparecera no lugar costumeiro.

O hábito fê-lo descer à rua perplexo e intrigado. De volta galgou novamente a escada.

Na porta do aposento o silêncio pareceu-lhe ainda maior. Bateu. Chamou a mulher. Cansou de bater. Arrombou a porta. Marta não estava. Parou diante do leito vazio. Chorou.

A empregada a quem procurou, nada lhe disse de esclarecedor ou importante. Revelou-lhe, contudo, que às 18 horas, ao descer a escada do aposento, encontrava todos os dias, um cavaleiro que a cumprimentava. O sírio achou idiota a revelação de sinhá Agueda. Devia ser o mesmo cavalheiro que êle tantas vezes encontrara.

É Silvino Lopes arrematar: "Deviam ser casos bem diferentes; o desaparecimento de Marta e o daquele

estranho cavalheiro que subia quando a ama descia e descia quando o sírio subia..."

Como se vê, Silvino, nada disse, dizendo tudo, com surpreendente clareza. Duvido que se possa dizer mais, em espaço tão minúsculo.

Ninguém contaria melhor essa história que, a bem dizer, não chegou a ser contada. O leitor torna-se, por méras sugestões, colaborador eficiente, ideador silencioso de tudo o que não foi dito.

"Manuscrito de um solitário" é também um conto modelar. O valor psicológico psicantático desse trabalho, a simplicidade da narração, os anseios amorosos de um rapaz de 13 anos, alheio, por temperamento e educação, às maldades caninhas dos guris maleducados, o zelo do pai de família doutro tempo, a história contada a meio com muita observação e sem escabrosidade, tudo revela as raras virtudes de um conteur de primeira ordem. Essas qualidades não podem vir dos hábitos de reporter ou de mero traquejo de simples escrevedor de notícias policiais. Os narradores dessa espécie não se fazem: nascem perfeitos, acabados.

Nem descrições perfeitas, nem minúcias de qualquer espécie.

O amor à minúcia desnecessária, e, por vezes, idiota, foi a morte do realismo como expressão literária. Foi esse o achaque da geração que, deslumbrada com o gênio de Flaubert, de Zola, de Eça de Queiroz ou de Ramalho Ortigão, os quis imitar, servilmente como se a imitação servil não fôsse a manifestação mais clara da ausência completa do talento inventivo. Com ela, pode ganhar vulto o tagarela impertinente; adquirir sua linguagem plasticidade, brilho e relativa perfeição. A

fôrça mental, o talento, porém, são tão inerentes ao escritor como a luz e a resistência ao diamante por lapidar.

"O Prefeito" uma sátira cortante deslocada no tempo, ao nível mental da atualidade brasileira; e Mariana, do "Bom marido", uma vítima dos preconceitos sociais, votada, inexoravelmente, à bondade desumana de um ex-homem modelo de todas as virtudes, mas, desapaoderado do mais tirânico de todos os instintos animais.

Em "Três andares" dá-nos poderosa fotografia da situação moral dos grandes centros, onde a miséria econômica, numa florção de pequenos vícios tolerados, torna-se cúmplice fatal desses atentados à dignidade da espécie.

"Os anjos e a fera", como observação e estudo psicoanalítico, pode figurar, com realce, em uma coletânea freudiana.

Enfim, "Sombras que tiveram nomes" revelam-me o fino escritor que as crônicas mal conseguiram esboçar.

"Não há escritor impecável" como, com argúcia, observa Maugham. Entretanto é sempre possível admirá-los por seus méritos e louvá-los no que possuem de grande e realmente notável.

O espírito de concisão que, em Chekov é quase um milagre, "almost miraculous", no dizer de Maugham, em Silvino Lopes eleva-o à linha dos grandes artistas do conto.

Silvino Lopes, porém, não escreve em nenhuma das grandes linguas universalmente conhecidas, e, dificilmente, escapará à ostentação que lhe hão de proporcionar a leveza do ambiente ativo e a indiferença propositada em que parece estar-se a vida mental da Paraíba.



Lima Barreto

NEWTON FREITAS

OS escritores, como as modas, têm as suas fases de ascensão. Há moda de Machado de Assis, a de Graça Aranha, a de Gonçalves Dias... Lima Barreto, porém, nunca esteve em moda, nunca impôs seu tom, sua maneira de ser. E creio que nunca estará muito popularizado, ou muito querido entre as elites intelectuais. Para ele se reserva um canto mais escuro da literatura nacional, aquele quarto dos fundos das casas de amplas fachadas: sua prosa é muito áspera e não se presta a exhibições.

O conteúdo verdadeiramente literário de Lima Barreto pode ser discutido sob muitos aspectos; inclusive se pode dizer que ele foi pouco artista, e esteve demasiado preso às realidades vividas, ao pão nosso de cada dia.

O que não se poderá dizer nunca é que falseou sua arte para agradar, que dobrou sua espinha para servir. Manteve-se de pé, estáticamente parado, à espera que se lhe reconhecessem as qualidades e os defeitos. Não fez nenhuma mesura, nem tentou nenhum fogo de artifício e morreu quase só, quase isolado.

Seus livros ficaram e a leitura cansativa de alguns deles revela um escritor pouco satisfeito consigo próprio, que é uma forma de estar desgostoso, perpetuamente com os demais. Esta aridez, esta aspereza de pedra pomes, que não se encontra em nenhum novelista brasileiro, nem do passado, nem do momento atual, desgosta ao leitor. Chaga um instante em que se pede misericórdia para uma saída, um detalhe amável para um personagem... e ele nos nega qualquer apoio, qualquer afeto. Ele próprio se define num personagem que é "como essas delícias patéticas para onde corremos quando a alma se nos torda de desgosto. Contemplamo-las horas e horas esperando um consolo, um alago, e elas nada nos dizem".

A "Vida e Morte de J. Gonzaga de Sá" é por isto mesmo um livro de desgosto, e ingratamente chamado de livro falso, ou incompleto. O que falta aos personagens, ou melhor, ainda, o que falta a Gonzaga de Sá é humanidade, aspirações mais claras, um coração menos afetivo. Não sei se os cargos de Lima Barreto estão totalmente em Gonzaga de Sá, mas muitos e muitos de seus gestos são os de outro.

A vida dele foi triste, sem a menor dúvida, e ele agregou a esta vulgaridade sua mórbida manei-

ra de discutir, e ver tudo amargo. Claro que sabia distinguir de onde provinha o mal estar humano, esse mal estar que se refletia na competência desabrida dos homens pelos cargos, pelas posições sociais, pelas fortunas; sabia a causa destes males que arruinavam as esperanças dos jovens, e envenenavam os descansos dos velhos. Mas por cima de tudo isto, compreendia também que a marcha do homem sobre a terra está presa a outras contingências que não são apenas sociais, e que despontam na raiz mesma da vida, nas heranças, nas mórbidas tristezas que as famílias filtram inconscientemente.

A vida de Lima Barreto, em si mesma, foi uma novela torvamente trágica: pobre, filho de um almoxarife da Colônia de Alienados, que enlouqueceu finalmente no trato com os loucos, somente este aspecto da atração e repulsão que os anormais exerceram sobre ele, serviu de ponto de partida para explicar toda a sua contextura novelesca de pedra áspera.

Lutando desde os primeiros anos para vencer a pobreza familiar, rompido o equilíbrio econômico pela morte do pai, Lima Barreto voltou muitas vezes ao Hospício sombrio, para estudar os casos nebulosos das almas ali encerradas... Que móvel o impulso a voltar aos sombrios

barrotes que deram pão à sua família, e mais tarde lhe roubaram todo o sustento matando-lhe o pai? Que espécie de atração exercia o hospício para uma alma assim, marcada desde um início com uma tara esmagadora?

O Diretor do Hospício Nacional do Rio, o cientista Juliano Moreira teve sobre a vida de Lima Barreto uma cordial influência, e quem sabe? — salvou-o da loucura, permitindo-lhe estudar de perto o drama dos que vivem mais além do bem e do mal. Lima Barreto devia ter uma verdadeira organização de aço, endurecido, batido, para suportar as cenas de um hospício, herdeiro como era de uma loucura que se completara no curso de uma carreira de auxiliar de hospício. Creio que ninguém saberá jamais até que ponto o abismo de águas fundas que era aquilo que ele chamou em sua novela inacabada "O cemitério dos mortos", influenciou sua obra. Ela guarda o equilíbrio dos normais, porém reflete, em todos os seus detalhes, a morbidez dos alucinados contidos. As referências aos hospícios existem especialmente na sua novela, que insisto chamar de autobiográfica; olhando o Rio, Gonzaga de Sá observa o que talvez não podia enxergar, senão com os olhos da memória, na baía: "Defronte, fica o Ga-

leão, da ilha do Governador, e o Fundão, uma outra ilha, povoados ambos os lugares de mangueiras maravilhosas... Imagina tu, que, agora as que o rio põs abaixo, as do Galeão são algumas dezenas em quadrilátero e vivem D. João VI... A enfermaria dos loucos que elas ensombram magestosamente, foi casa de residência do Rei simpática e feliz..."

No mesmo capítulo, como se fosse uma obsessão anota páginas adiante a mesma paisagem e o mesmo tema:

"O mar..."

Parecia mesmo um rio. Na frente, margem esquerda, o manicômio com suas vistosas mangueiras joaninas e o seu campo liso e arenoso".

O personagem central é uma espécie de desdobramento do autor numa acentuação de caracteres opostos, numa típica escamoteação intelectual que lhe permite pensar, dizer tudo o que deseja sem se descobrir; esse Gonzaga de Sá que é velho, branco, de família abastada (note-se a oposição) é um maníaco.

Muitas vezes no correr do livro encontramos referências acentuando sua grafomania. Lima Barreto fala ao terminar a novela num "fatal princípio permanente de inadaptação", referindo-se a um outro pobre menino de cor, educado por mãos



PAISAGEM — Woeller

hábeis e a referência se encaixa melhor no Gonzaga de procedência rica e de pele branca. O amigo, pese todas suas condições "normais" ou "superiores" para vencer o meio, é como ele, como o menino, como o outro personagem Beldregas, como todos — um inadaptado — um maníaco. A revelação clínica, digamos, de sua loucura é, sem dúvida, fruto de observação DIRETA de Lima Barreto e se revela em frequentes e insistentes detalhes:

"Houve um tempo porém, para que eu, indiscretamente, pudesse ver sobre a mesa uma folha de papel rabiscado. Havia oito ou dez narizes desenhados sucessivamente e por mãoinha, bil que se esforça em rabiscar uma forma que viu ou já ouviu e ainda tem em mente. Que singular mania, meu Deus".

Mais tarde num banco de jardim, o amigo "se pusera a traçar, com a ponta da bengala, na areia, uma figura grosseira... Parecia o esboço de um morto...".

Outra vez quando Gonzaga depois de uma explosão de nervos contra a estupidez do meio burocrático, anota:

"Levantei-me para deitar fora o meu (cigarro) que se extinguiu e, de soslaio, pude ver a folha que Gonzaga de Sá rabiscava. Eram indecisos traços de uma fisionomia humana... Sempre aquela obsessão".

Da obra desigual deixada por Lima Barreto, destaco a propósito "Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá", porque neja estão patentes os caracteres autobiográficos do escritor, como disse, apesar da insistência com que ele quis, desde o início, escamotear a verdade, apresentando-se como biógrafo de um amigo desconhecido e estranho. Desdobra a novela em dois personagens igualmente fictícios: o biógrafo — Machado e o biografado — Gonzaga de Sá e em redor deles tece uma teia de estranhas palavras, estranhas coisas, para evadir a verdade única: está se autobiografando.

Os menores detalhes de sua vida estão ali representados com a força do estilo que lhe era próprio, com a rudeza de imagem, e aspereza que não possuiu nenhum novelista brasileiro. Em poucas palavras sua vida se define para um biógrafo esmiuçador, a mesma que já notei no início deste trabalho: mestiço, de classe modesta, batizado por um aristocrata, pobre, filho de um homem que morreu louco, terminou a vida, anonimamente aos 41 anos sem em realidade, haver provado a vida em sua essência mais bela. Não se conhece dele amores, doçuras de famílias, romances sentimentais. Foi pobre, isolado, brotando-lhe o talento novelístico por todos os poros. Estes rasgos essenciais esquemáticos estão, com mínimas variantes, no livro de Gonzaga de Sá.

Mas o que dá interesse ao livro são justamente os rasgos secundários, os que encobertos para os amigos, para as amantes, para os parentes, explodem cheios de atrações e requintes. Podemos enumerar-lhe a vida no seu esquema mais duro, e podemos descer-lhe às últimas folhas da alma pelas suas próprias páginas:

"Sob a ascendência do padrinho estudava muito, aplicar-se-ia aos livros. Durante anos no ambiente falso dos colégios e escolas a sua situação na vida não se lhe representaria perfeitamente. Viriam os anos e a ânsia que o estudo dá; viria o mundo social, com a sua trama de conceitos e preconceitos, justos e injustos, bons e maus — trama unida e espinhenta contra a qual sua alma ia chocar... Era então a dor, as deliquescências, as loucas fugidas pela fantasia... Era o doloroso perigrinar com o próprio à mostra à vista de todos, sujeito à irrisão do condutor de bonde e do ministro plenipotenciário... Era sempre, nos cafés, nas ruas, nos teatros, andando vinte metros na frente um batador que avisava da sua presença e fazia que se preparassem as malícias, os olhares vesgos ou idiotas... Coitado! Nem o estudo lhe valeria, nem os livros, nem o valor, porque quando o olhassem diriam lá para os infalíveis: aquilo lá pode fazer nada!"

Neste parágrafo sabemos tudo que sua angustiada infância de menino de cor pôde sofrer na carne, frente a uma sociedade assentada sobre o preconceito racial. Seguindo-se a marcha dessa educação colhida assim, entre humilhações que talvez sua condição especial de ultrasensível exacerbasse, encontramos em outro trecho do mesmo livro:

"Longe de me confortar, a educação que recebi, só me exacerbava, só fabrica desejos que me fazem desgraçado, dando-me ódios e talvez despeitos. Por que m'a deixam? Para eu ficar na vida, sem amor, sem parentes, e, porventura, sem amigos?"

A falta de relação entre sua sensibilidade e sua condição social (racial) foi a causa encoberta de todas suas torturas. Mas ele mesmo chegou a compreender a falsidade desse esquema e que sua tragédia provinha não só da condição geral de "homem de cor" no estreito ambiente saído do império, mas, e principalmente, de seu gênio irritado de neurótico, de seu talento aberto à análise de sua mórbida sensibilidade de mulher. Ele próprio explica-nos em Gonzaga de Sá sua torturada alma: "Era eu mesmo: era meu gênio era meu orgulho aliado a um estúpido medo". Falando do amigo ele mais uma vez se retrata, como que querendo justificar-se de sua "esterilidade sentimental": "seria um apaixonado que não

conseguiria a tempo encaminhar o seu temperamento para um objeto qualquer, ficar de parte, guardando suas paixões, escondendo seus gestos, tanto por timidez como por orgulho?"

A solidão que às vezes o envolve mostra como era sensível, como seu desejo de beleza e de compreensão se retraía por imposição daquela muralha de preconceitos, por aquele orgulho, por aquela timidez. Sua desolação chega às vezes a arrebatamentos dramáticos e ele clama frente ao mar, ao mar que une todas as terras do globo, une cidades remotas em suas bordas, e traz de outros povos sal e alegria: "E me pus a pensar que sobre a convexidade livre do planeta que me fez, não tinha um lugar, um canto, uma ilha, onde pudesse viver plenamente, livremente. Olhei o mar de novo".

O demônio da crítica, "o veneno da análise" a "tentação danada da analogia", impelia-o para um mundo em que fatalmente tinha que fracassar: um mundo feito de uma terra esplêndida, e de homens mesquinhos. Quis amar livremente, e teve que deixar a cabeça cair cansada sobre o peito de tanto meditar. Quis revolver a sociedade, levar consolo e cultura aos menos favorecidos, e estacou temendo "levar o desgosto às suas almas, às daquela pobre gente", temendo transmitir-lhe seu "desequilíbrio nervoso".

O pessimismo intelectual de Gonzaga de Machado, de Lima Barreto, desdobrado em dois, é tal que ele mesmo o define de "nihilismo": é negativista, é destruidor, é corrosivo, e não é fruto do despeito, mas resultado da dor de uma sensibilidade maltratada. Define aos homens duramente, chama sociedade "um imenso rebanho, cujos pastores se davam ao luxo de marcar, por escrito, o modo de agulhoar as suas ovelhas". Reconhece que a vida não lhe negou inteligência, e que a sociedade feriu-o mais pela inconsciência do que pela maldade. Aproveitando o amigo confessa seu segredo: "compreendi que Gonzaga era de fortes paixões; que a ironia tinha disfarçado a mágoa de não achar onde aplicá-las e suas efervescências de raiva deviam viver sepultadas no seu íntimo. Na forte compreensão da dignidade de sua pessoa, e no avassalador orgulho pela sua inteligência, atrozes feridas deviam ter aberto nele pela vida toda".

A contradição de sua psicologia é, para mim, portanto, fruto de um desequilíbrio nervoso, pois ninguém teve como Lima Barreto mais consciência de si mesmo, de sua inteligência, de seu talento literário. Sabia-se incompleto, mas sabia-se superior à média dos homens de seu tempo: isto enchia-o de orgulho, mas não o consolava. Sofria, sentia-se "como um velho tronco de-



O TOCADOR DE VIOLÃO — Augusto Reynaldo

(Continua na página 14)

ARTES PLÁSTICAS

MODA & ATMOSFERA

ALDO BONADEI

Os jornais noticiaram depoimentos de Dali e De Chirico sobre a pintura "moderna". A volta a formas mais reais, representativas, óticas? De Chirico, chegou, mesmo, a afirmar que o movimento "moderno" não foi senão um "bluff". Não tenho os artigos comigo, não posso e nem pretendo entrar em pormenores. Uso o caso como exemplo. E' provável estarem muitos em idêntica situação. Pintores que aceitavam a chamada corrente modernista por esnobismo ou por simples comercialismo. Essa atitude de Dali e De Chirico veio confirmar o que sempre pensei dele: retardatário, tocando muito levemente nos problemas do nosso tempo. Não podemos nos separar do passado; é que há sentimentos, ideias, problemas, que em certos períodos ficam adormecidos, aparentemente exauridos. Insistir neles, às vezes, é perder tempo. Acontece que De Chirico e Dali, pelo menos do lado plástico, ligam-se muito à pintura do século XVI — XVII, principalmente no modo de empregar a cor e a perspectiva. Por enquanto, pelo menos creio que esses problemas (principalmente o último — o outro mudou completamente de sentido) suficientemente explorados pelos renascentistas e, depois, pelo barroco: perspectivas, escores, etc.

Os problemas, a "atmosfera" da época agora é outra. Não digo que não se volte ao escore... apesar de Leonardo, esse grande precursor, um dos maiores que a humanidade teve, ter dito: não façam o escore: a maioria das pessoas não gostará...

E' fácil confundir moda com atmosfera da época. Arte é expressão e conhecimento, sempre apoiados no humano — nossos limites. A moda passa, a base e a estrutura são parecidas, senão iguais; expoentes, pou-

cos, irmãos sempre, apesar dos tempos e modas. Nos pontos máximos deveríamos poder olhar. Dêsse aprendido ficaria talvez um pouco; nem mesmo, se, às vezes, não o pudermos explicar — condicionamentos, confundidos com expressão pessoais. A arte sempre procurou o real, apesar de aparências contrárias. Na vida curta, assimilar o melhor e dizer a última palavra; esse melhor está em nosso tempo, esteve em outros, também. Em todos os estilos se fizeram obras de arte — dentro do próprio tempo; os que olharam demais o passado são retardatários. Cézanne aceitou coisas de seu tempo, estudou também os antigos. De seu tempo toma o problema da cor, levando-o, porém, a expressões novas; quanto à composição, voltou, não àquela retórica, e sim, à humana — à perspectiva espiritual, coisa ligada fortemente à composição e fatalmente ao corte de ouro. Impossível uma volta ao "real", pelo simples motivo de estarmos nele. E' inegável que a pintura moderna tem nos trazido maravilhas em mais de um sentido. — Bracque aproveita muitíssimo a lição do impressionismo, levando a cor a expressões inesperadas; não teme, como os impressionistas, as tintas escuras; mas, só depois deles poderíamos conseguir luzes assim. Os "ismos" têm ação particularizada, detalhes; quase sempre perderam a noção de conjunto; porém, o reflexo só pode ser benéfico, quando, mais tarde pudermos retomar pé. Há homens e movimentos marcando fundo demais. Não podemos ignorá-los, e mesmo, naturalmente, em ocasiões dadas, precisamos combatê-los. Para isso, porém, necessitamos de seus próprios elementos. E' muito possível a boa pintura procurar, futuramente, um caminho próximo a uma forma mais

representativa, caminho árduo, por sermos, em geral, hiperbólicos. O pintor corre o perigo de "copiar" acidentais naturais, que, em grande parte, são anti-plásticos, mais comumente, em pintura, confunde-se vida e arte, representação e cópia. Esquecendo que mesmo essa última nunca é idêntica. Esquecendo, também, que a representação às vezes com aparência muito arbitrária, no fundo, liga-se estreitamente ao objeto ou ideia. — Um sonho que tive ilustra perfeitamente como é impossível e inútil a arte ser igual à vida. Sonhei estar colorindo um busto que, bruscamente, criou vida; depois expuz diversos desses "fenômenos"; o público, não sabia se se tratava de escultura, pintura ou vida. Fiquei decepcionado: aquilo que criara era vida, coisa já existente. A Pintura seria, então (ainda assim, no seu sentido mais formal) ligação do "natural" com uma forma plástica de expressão humana.

Os "ismos" têm-se preocupado dessa parte humana de expressão talvez de um modo demasiadamente absoluto; contêm, apesar disso, ensinamentos; precisamos aproveitá-los, ligando-os a verdades mais gerais. Diz Payrá em seu livro "Pintura Moderna":

— "Cézanne fué el primer gran pintor absolutamente "no fotográfico" — El maestro del Jaz de Bouffan archivo todas las formulas, todos los "clichés" que tanto facilitam el ejercicio de la pintura a los artistas convencionales. Habia recursos, ya gastados a fuerza de ser tradicionales, para imitar el follage, el agua, el cutis, la nube, la roca, la flor. Cézanne los conocia. Habíalos probado em sus malos dias de Paris — Cézanne fué el primero, después de um tembladeral de siglos, que comprendió el

valor del símbolo plástico, del grafismo y de la armonia que traducen las formas reales a un idioma pictórico inteligible y claro".

Voltando a De Chirico e não me referindo à sua última pintura. O "metafísico" de seus quadros é principalmente "assunto", tratado verdadeiramente de um modo novo, se não absolutamente original si se pensar em Jerónimo Bosch e certos desenhos de Leonardo. Para esse "assunto" ser perfeitamente renovado, precisaria estribar-se em forma dinâmica, moderna assim, nessa percentagem resvala para o que é retardatário.

Um exemplo de como o assunto pode ser renovado encontra-se no livro sobre Picasso, de Joan Merli — Editorial, "El Ateneo", página 211, intitula-se "Pintura 1931", seria uma Leda — (para quem puder olhar a reprodução sem compará-la diretamente com o real ótico). O assunto está evidente, e também completamente renovado. Essa pintura é uma realidade não "ótica" mas de expressão.

O problema moderno é mais complexo que o de "montar" um manequim metafísico num campo de perspectiva italiana.

E' inútil estender o comentário: o caso de Dali é muito parecido.



Xilografia de Yllén Kerr

LIMA BARRETO

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 12)

arraigada num areal", apesar de continuar-se continuamente aos outros, de analisar, e insistentemente, e ficar satisfeito de si mesmo. Chega porém a conclusões que fogem à análise consciente.

Indo a um Teatro com o amigo, infiltrando-se por entre a aristocracia que frequentava a nossa melhor e maior casa de diversões, olhando aquela sociedade que ao mesmo tempo lhe provoca admiração e lástima, pergunta-se angustiado: "Não houve uma palavra que me fizesse, nem sequer um olhar, entretanto só em contemplar aquela grande gente, que me parecia tão rica e tão brutal, eu me senti inferior. Onde me vinha esse sentimento? Era a minha cultura? Não; eu recebi a mesma instrução dos mais instruídos da minha idade que ali estavam. Era do meu caráter, das falhas da minha moralidade. Não, também; eu sentia que as tinha; contudo em moralidade as tinha; contudo em comparação com o grosso daqueles cavalheiros tão limpos, eu era puro, imaculado. Nada mais me vinha, provinha daquilo que o meu sangue me fizesse inferior, mas este mesmo eu cria correr em muitos daqueles a quem eu julgava inferior. Onde vinha, portanto esse sentimento que me entristecia?"

Vinha, provinha daquilo que ele finalmente compreende por entre espessas fumaças: era um fraco, um inadaptado, um ser flutuante, inquieto, sensível, ferido por mil orgulhos, atacado por mil inquietações, agitado por mil instabilidades. Eles — os da classe alta, a burguesia acomodada, os políticos, os altos funcionários, os funcionários classificados provinhavam talvez em sua maioria como ele próprio, dessa massa informe que viera colonizar o Brasil em caravelas de aventura ou em navios carregados de negros. Porém haviam vencido a si mesmos, na luta para vencer o meio. Lima não deixara ficar no caminho, pobre tronco sem raízes: "Eu era um covarde, um escravo: eles, príncipes e reis".

Até agora temos isto, o Lima Barreto negativo, e negativo se queríamos, no sentido social. Porém existiu um outro Lima Barreto que ele não pôde suportar. Um que construiu malgrado seu "nihilismo intelectual".

O escritor, de que estava feito seu talento sobrenadado à enorme covardia humana de vencer, no sentido burguês da palavra, tal como ele empregou o meio. Para mim, ele foi o verdadeiro vencedor, porque nenhuma posição, nenhuma fortuna, nenhuma glória poderia ter dado a Lima Barreto, ao orgulhoso mulato, a felicidade. Talvez ela lhe pudesse ter vindo pelo Amor — esse Amor tão ansioso por ele e tão

dificilmente encontrado. Entretanto a luta que devia colocá-lo na situação positiva ed vencedor era antes de mais nada, uma luta pessoal, corpo a corpo — dele contra ele. E esta não a pôde sustentar: teve o remoto consolo do álcool, teve a fraqueza dolorosa de uma boemia anônima, mas se foi feliz alguma vez, esta felicidade lhe veio da terra, das águas do mar, das montanhas luminosas das agrestes ruas da cidade espetacular do Rio de Janeiro.

Sua atitude negativista frente à vida, o meio, e principalmente frente aos VENCEDORES, levou-o fatalmente a desprezar o escritor máximo das letras de sua época: Machado de Assis. Levou-o a uma atitude contra um escritor que, como ele, era mulato, pobre, era humilde e sofria um desequilíbrio nervoso que o marcava como ferro em brasa: a epilepsia. Porém Machado sobrenadava a tudo isto, venceu a terra, venceu o meio, venceu a tristeza, a doença, a incapacidade para amar. De sua secura de enfermo deixou refluir a carne, deixou-se prender e amou livremente aquela Carolina que é mais uma personagem de sua galeria do que uma mulher real. A compreensão desse amor foi justamente a que faltou a Lima, porque como vimos não era um insensível, era um tímido; Machado teve também essa timidez enfermiza dos que vem de baixo em classe e raça — segundo o critério estúpido estabelecido — mas VENCEU, eis toda a palavra.

Lima Barreto não pôde dobrar seu inquieto espírito e não pôde ter para Machado de Assis senão um desprezo encoberto, irônico. Num carta que dirigiu a Austregildo de Ataíde, agradece sua crítica que o separa literariamente de Machado, e afirma: "sempre achei em Machado muita secura de alma, muita falta de simpatia humana, falta de entusiasmos generosos, uma porção de seustos pueris. Que me falem de Maupassant, de Dickens, de Swift, de Balzac, de Daudet, — vá lá. Mas Machado nunca! Até em Turgeneff em Tolstoi, podiam ir buscar os meus modelos. Em Machado, não!"

Não discuto aqui a opinião de Lima a respeito de Machado, mas creio que esta defesa contra o escritor mais consagrado da época — Machado — levou-o ao que se pode considerar de mais positivo em sua obra.

A defesa contra a "secura de alma" levou-o a exagerar os traços panteístas de seus livros, evidentemente dando vazão ao enorme reservatório de entusiasmos que não tinham possibilidade de expansão de outra manei-

ra. A "falta de entusiasmos generosos" leva Lima Barreto a encher sua galeria de dedicações pelos humildes, pelos de classe baixa, pelos "humilhados e ofendidos", seguindo as marcas de Dostoiévski e ao mesmo tempo colocando-se anti-Machadianamente. Ainda seu desmazelo em escrever sua forma boêmia de dizer livremente o que lhe sugere a emoção, é uma réplica ao meticuloso estilo de Machado. Este último aspecto não de todo "positivo" está ressaltado, com o orgulho mal disfarçado, na mesma citada carta:

"Machado escrevia com medo do Castilho e escondendo o que sentia, para não se rebaixar; eu não tenho medo da palmatória do Feliciano e escrevo com muito temor de não dizer tudo o que quero e sinto, sem calcular se me rebaixo ou me exalto."

Creio que é grande a diferença.

De todos os anti-machadismos assinalados insisto que o desbordamento de Lima Barreto para a exaltação panteísta foi a mais forte, e mais favorável ao seu próprio eu. A admiração pela terra, pelas águas, pelos mortos e pelo seu elemento humano (de Lima) não tem nada que ver com a exaltação romântica dos Alencar, etc. Tão pouco se prende ao desejo patriótico, ou ridículo de dizer coisas belas sobre o Brasil: é um impulso instintivo que ele aproveita sem temor, por saber que com isto enriquece os livros, amplia a visão, expande o peito e ao mesmo tempo revela sua nenhuma dependência a Machado — o mais sério dos retratistas do ambiente nacional, e o sempre alheio à nossa beleza natural.

Machado com esta atitude seca, contrária, responde ao desejo de criar algo novo, algo "humano" que não fosse a repetição dos românticos, estatelados frente aos bosques, selvas, rios e mares do Brasil. Enche sua galeria de gente de tipos humanos e deixa tranquila a natureza tão gabada de todos os escritores nacionais.

Sua atitude é por assim dizer igual a de Lima: é uma atitude de rejeição contra o consagrado. Quando Lima desponta outra consagração literária se havia imposto a do próprio Machado, a do naturalismo em geral, a de Eça, a de Aluísio de Azevedo. E reagindo contra isto detém um passo atrás e voltou à estranha e atraente natureza, porém vestindo-a de cores novas, e de alegrias melhores.

Sem o temor de ser apontado como romântico, patriota, enamorado dos verdes e azuis das nossas espetaculares montanhas, e desejo de ser diferente de Machado de Assis, Lima Barreto

deixou que se expandisse livremente, o sentido lírico que possuía. Os quadros, as paisagens, as vistas do Rio — de seu mar encerrado em tantos seios dentro mesmo da cidade; de suas montanhas agudas em recortes, e aveludadas em suas encostas, foram em Lima a melhor preocupação e melhor estímulo:

"Eu a vi cair (a noite) da sala de jantar, apreciando o crepúsculo por uma janela. Fiquei durante todo ele, a olhar, nas montanhas longínquas do ocidente, a barba de nuvens douradas, e, quando ele durou, mantive-me calado, fumando, e toda minha atividade cerebral girou em torno da morte. Veio a noite completa".

Neste trecho vê-se a personalidade que dá Lima Barreto à noite, falando como trata-se de algo palpável, algo assim como um espetáculo com atos sucessivos, com gradações suscetíveis de serem absolvidas pelo homem que olha, e que analisa. Não é um admirador que olha a noite, é um apaixonado que escuta os tempos de uma sinfonia, ou assiste ao desenrolar de uma sucessão de quadros. Nada se assemelha ao romântico que busca no céu, na noite, na estrêla, uma emoção: ele olha a noite com a mesma cerebração de analista, com que olha uma mulher. Ama com a cabeça tão intensa e tão estupidamente que se esquece de gozala.

Anima suas paisagens sempre com um movimento humano, e isto estabelece como que o vínculo essencial entre a terra — entre a palmeira quase ávore simbólica pela insistência do tema — e o homem. Há sempre uma cabeça recortada sobre a clareza do céu e um corpo de boi que range pesado, ladeira acima, ladeira abaixo.

Um exemplo da criação de seu colorido, ao tratar o velho tema das caldas do sol, no Rio:

"Olhei um instante à janela. As nuvens esgarçavam-se nas cumeadas das montanhas e cobriam-se diversamente à luz magenta do poente. Aqui era a magenta do poente. Aqui era a ranja; ali, púrpura, ouro, anil, cinzento; ora, franjava-se; ora, em novelos; ora, em fitas, em barras, tomando as mais caprichosas e instáveis formas com as mais belas cores dos belos céus".

"Gonzaga não teve tempo de pronunciar uma palavra. A porta..." etc.

Termina a cena evidentemente porque caiu a noite. Para a palmeira tem sempre uma frase, enxertando-a em quase todos os quadros do Rio, e tem para os pombos uma frase que é verdadeiramente fina, emotiva:

"Crio. Gosto das aves, especialmente dos pombos, do seu voo, das irisadas penas de seu pescoço, da sua graça, da sua natureza intermediária de ave-terreiro e de voo..."

Lembrando Mauricio Maeterlinck

(Conclusão da última página)

mar a olhar em redor de si sem malevolência, sem inveja, sem rancor, sem tristeza inútil; o mais desherdado pode tomar não sei que parte silenciosa, que nem sempre é a menos boa, na alegria ou na dor que o cercam, o menos hábil pode saber até que ponto ele perdôa uma ofensa, desculpa um erro, admira uma palavra e uma ação humana; e o menos amado pode amar e respeitar o amor".

Mauricio Maeterlinck sofria as mais diversas influências da vida; as oscilações de seu espírito mostravam-se em seus dramas. Ora, materialista e revoltado contra tudo que fala de Deus, ora humilde antes das maravilhas da Natureza, submisso e tímido ante os caprichos do destino humano. E fala-nos de Trajano, que embora conhecedor dos mistérios de Eleusis "teve medo das trevas, como uma criança... nas últimas horas da sua agonia, que foi longa e dolorosa". Assim, não há retrato mais fiel de Maeterlinck do que os seus próprios dra-

mas. A sua alma rellete-se em suas páginas. Por essa razão cognominaram-no, com muita justiça, o Shakespeare da Bélgica. As mesmas alucinações de "Macbeth". O espectador penetra nos mistérios de sua imaginação genial para depois recuar petrificado, aturdido; "a porta de novo se fecha bruscamente e, quando o pano cai, achamo-nos estonteados diante do enigma que nos lóge sob o terrível desconhecido que recai sobre nós como uma carapaca".

Sim, diante desse enigma terrível e estonteante, Maeterlinck procurava reconciliar-se com a vida, perdoar e amar os homens. Era o místico, o bom: "Nós não podemos impedir-nos de perdoar; e quando a morte, "a grande reconciliadora" passa, qual o de nós que não cai de joelhos e não traça em silêncio sobre a alma que se foi o gesto de perdão? Tudo foi

pago pela morte na sua passagem".

Um dos últimos livros de Maeterlinck — A Aranha de Vidro — revela o espírito de pesquisa, de análise, o sentimento filosófico, do insigne escritor gantês. Analisando os infinitamente pequenos, vislumbra o infinitamente grande, o Imensurável. Essa obra estuda a Argironete aquática, rancídio minúsculo, que téce o seu próprio casulo onde acumula o ar que respira por meio de pequenas bôlhas fixadas no abdômen.

Maeterlinck aproveita os seus estudos entomológicos para mostrar aos homens a inteligência dos animais. Assim, não foi o homem que inventou o escarabajo, mas a Argironete que vive sob as águas estagnadas embora possuidora de sistema respiratório aéreo. E o poeta filósofo interroga: — "Donde vem essa centelha ou esse

raio de luz que precedeu tudo que o espírito tem achado na terra e que não é produto de um cérebro humano? Que é a inteligência? Donde emana?". O próprio filósofo responde: — "Se a inteligência existe no homem, também deve existir no universo de que o homem é parte integrante. O que existe na parte deve existir no todo". Eis aí o deísta, impotente para alcançar vãos mais arrojados.

Mauricio Maeterlinck foi um verdadeiro sábio e por isso era magnânimo. Ele sabia que a superioridade de um homem residia em tudo compreender e tudo perdoar. Externando o seu amor às formas mais rudimentares da vida, alcançou as formas complexas chegando ao homem. Dia a dia a sua obra se torna conhecida, e compreendendo-a, curvamo-nos cheio de respeito e de amor por esse homem admirável que há longos anos recolhêra-se na paz solene dos campos e dos vales de Nice, aspirando o perfume das brisas do Mediterrâneo.



Frans Post no Brasil

(Conclusão da página 7)

A tarde, entretanto, parece ser sua obsessão; quase poderíamos dizer, parodiando suas palavras, que é pela graça intermédia de noite e dia: "A noite cai rapidamente. A tarde, dúbia, apressa-lhe a queda e não nos dera senão um monocrônico crepúsculo (aqui podia se fazer ressaltar a idéia de que Lima se sente defraudado pelo espetáculo que sempre aguarda: "não nos dera senão...") de chumbo, com bambolinas de teatro."

Comenta sempre com uma surda melancolia estes fatalíssimos fins de tarde, como se cada dia ele pudesse oferecer uma beleza, sua tristeza, sua morte repentina. Há vaga melancolia nestas frases:

"Vinha a noite e ela caiu toda negra sobre nós".

Nós, então, sentidos as nossas almas inteiramente mergulhadas na sombra e os nossos corpos a pedir amor. Calámo-nos "olhamos um pouco as estrelas no céu escuro". É verdadeiramente patético este sentimento deprimido de que se sente bruscamente isolado vendo o dia morrer; alguém disse uma vez que esta é

a hora que os marinheiros sentem o desejo de regressar... E creio que têm razão.

A angústia de Lima Barreto — fonte em que bebeu forças para escrever a literatura amarga e bela que foi seu consolo e sua desgraça, tem a previsão dos romancistas atuais. Apoiado nos escritores russos, sente a tragédia em suas linhas mais amplas, rebuscando suas causas mais profundas.

O homem nasce preso a determinadas condições: nenhum credo, nenhuma classe, nenhuma raça, pode evitar aquilo que é o princípio e o fim da existência. Um João Cristóvão sabe que nasce entre gemidos, e que a vida segue por este declive desde o seio até à morte. Suas palavras ditas depois de dúvidas preconcebidas, pesadas, suas peltas de revoltas, impotências de atitude soam como um hino de doloridas insatisfações:

"...essa tristeza de sentir profundamente a mesquinhez da nossa condição humana, em luta sempre com o imenso dos nossos desejados sonhos e desejos..."

fantasiosas, que tanto perturbam a serenidade dos documentos, por interpretações fideles, mas, como o próprio Post, é exato e minucioso, fazendo do seu livro uma magnífica contribuição para o melhor estudo do Brasil holandês. Com um sentido muito exato da pesquisa nos dá um retrato de Post de irreversível valor histórico e artístico. No estudo dos desenhos, por exemplo, do Recife seiscentista, retificando equívocos e descrevendo as construções ostentosas que o Conde edificou na Maurícia.

Ensaio dessa ordem são imprescindíveis à nossa história, que já agora estamos levantando devidamente, não apenas através de episódios políticos e militares, mas pela formação social, artística e popular. A análise desse patri-

monio e o que nele se encontra, o reflexo do modo de viver e de sentir, a expressão humana que revela constituirão sem dúvida a melhor informação possível para conhecer o homem brasileiro e torná-lo conhecido. O livro do sr. Sousa Leão representa, pois, um louvável esforço, feito com penetração e cultura, para nos dar um flagrante do Brasil holandês, através do que dele pintou e desenhou um artista singular, "numa longa existência, conforme observa, dedicada à pintura" e cuja "obra, pouco influenciada pela arte dos grandes contemporâneos, é um fato surpreendente, acaso sem exemplo, de memória visual e de fidelidade a um tema em cerca de quarenta anos de ininterrupta atividade".

Lembrando Mauricio Maeterlinck

ORLANDO ROMERO

A NOTICIA que nos chega da França sobre a morte de Mauricio Maeterlinck, faz lembrar toda a pujança de um escritor que, recebendo das mãos do octogenário Hugo o cetro do talento e do gênio dramáticos, incumbiu-se de manter acêsas as luzes que haveriam de iluminar o século que já raiava.

Nas obras de Maeterlinck, o poeta, o filósofo, o cientista, todos os estudiosos enfim, encontram inesgotável manancial de conhecimentos a esmiuçar. Dir-se-ia uma floresta imensa, virgem, onde penetrasse, curioso, o botânico audacioso disposto a resistir toda influência de seus contemporâneos, certo de que muito teria que descobrir nêsse vasto laboratório da Natureza. As suas primeiras produções literárias apareceram quando o século dezenove agonizava. Logo irradiaram as concepções do filósofo e do poeta que, das margens do Lys e do Escalda, na pitoresca cidade de Gand, alastrar-se-iam pela França e pelo mundo.

Qual corbeille de raras flôres naturais, Maeterlinck oferecia aos pensadores as Estufas Quentes — as primeiras indagações de um cérebro que viria ampliar os vestígios de sua precocidade. Em Maeterlinck o poeta e o filósofo sempre caminharam de mãos dadas através dos aspectos mais díspares da vida humana. Uma insatisfação sutil, entremeada de sorrisos e exalando os mais raros perfumes, transparece na candidez de sua alma, nessa alma de homem bom. A sua obra foi sempre sua, as suas páginas denunciavam o estigma do que trazia na alma, posto que as primeiras revela-

ções dos iniciados são mais assimilações ou adaptações de velhos mestres que propriamente seu pensamento integral.

Nestor Victor diz que a obra de Maeterlinck "nos sorri da primeira à última página. Traz-nos à lembrança êstes simpáticos ménages que às vezes deparamos, constituídos por um belo casal, jovem e que se ama, em torno de ambos tumultuando uma populaçãozinha de crianças louras, que são seus filhos". Sentimos o seu hábito divino, a vontade de perquirir, de viver sob a sua proteção paternal.

Não há negar que houve saltos incríveis, e constan-

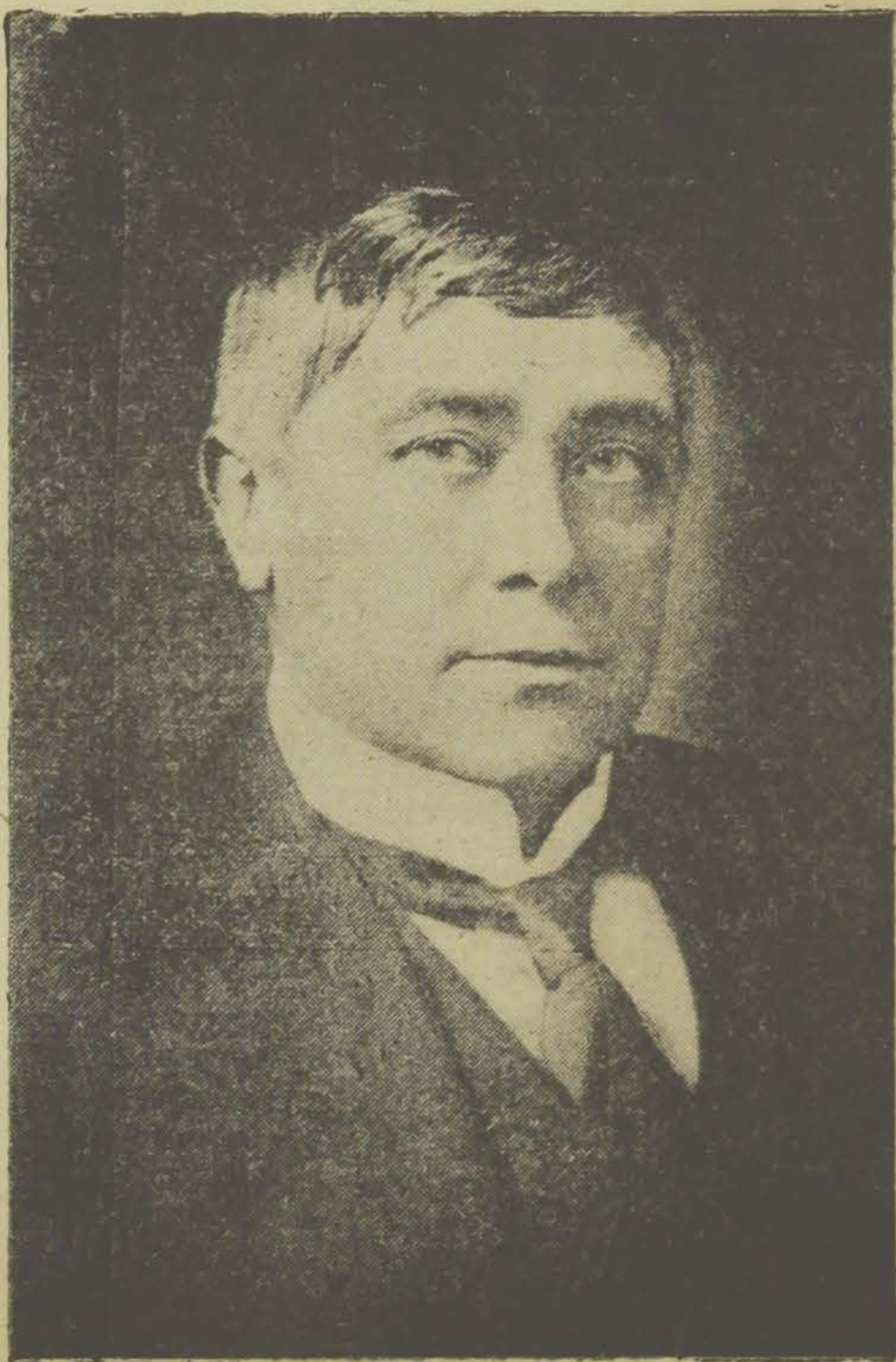
tes metamorfoses, em suas concepções e em suas obras. Daí a diversidade de seus dramas, de seus versos, de seus ensaios. Recuos e avanços sucessivos ante o incognoscível caracterizam de modo sublime êsse espírito hesitante, sempre insatisfeito. Para êle, cada proposição carecia, antes de condená-la ou corroborá-la, de investigação, de debates filosóficos, sem os quais apenas hipóteses imprecisas a sustentava. Por mais contrastante que pareça, o pensamento que êle emitia apresentava, não só, algo de cético e de místico. As suas conclusões não se efetivaram, isto é, êle não pôde efetivá-las,

mesmo porque apreciava as deduções que surgiriam, os debates que alguém ousasse empreender.

Depois de penetrar nas questões mais transcendentes da vida humana, Maeterlinck voltava atrás, timidamente insatisfeito, duvidando de si mesmo, sem querer acreditar que o porvir esclarecesse melhor o que o passado não conseguiu descobrir. Reconhece e proclama a incapacidade dos homens, ou melhor, acha que as suas conquistas e os seus esforços sempre fôram barrados ante o incognoscível: retrocessos e prossecuções caracterizam a marcha solene dos séculos, nada resolvendo de positivo. "Si Platão voltasse a êste mundo... e nos interrogasse, que resposta lhe poderíamos dar, à sua altura, digna dêle e que o interessasse? — aventura Maeterlinck em Antes do Grande Silêncio. Por certo veríamos a incoerência e a repelição dos seus diálogos. Referindo-se ao estoico Marco Aurélio, confessa ainda a nossa ignorância, não obstante o tempo e as gerações que ficaram atrás: "não sabemos mais do que êle, donde vimos, para onde vamos, nem porque existimos..."

Por isso as obras de Maeterlinck deixam transparecer aquêle sorriso de bondade, de perdão, de complacência, esboçado em A Sabedoria e o Destino de modo tão comovente:

"Não é dado a todo homem ser heroico, admirável, vitorioso, genial, ou simplesmente feliz nas coisas exteriores; mas o menos favorecido dentre nós pode ser justo, leal, meigo, fraternal, generoso; o menos dotado pode se acostu-



MAURICIO MAETERLINCK

(Conclui na página 15)